

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA EM SANTANA DO LIVRAMENTO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BACHARELADO EM AGRONOMIA

JEFERSON CUPSINSKI MARTINELLI

SUCESSÃO OU ÊXODO:

Jovens assentados (as) e seus projetos de vida.

SANTANA DO LIVRAMENTO

2019

JEFERSON CUPSINSKI MARTINELLI

SUCCESSÃO OU ÊXODO:

Jovens assentados (as) e seus projetos de vida.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado em Agronomia, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cassiane da Costa.

SANTANA DO LIVRAMENTO

2019

Catálogo de Publicação na Fonte

M385s Martinelli, Jeferson Cupsinski.
Sucessão ou êxodo: Jovens assentados (as) e seus projetos de vida / Jeferson Cupsinski Martinelli. – Santana do Livramento, 2019.
68 f.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Cassiane da Costa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Bacharelado em Agronomia, Unidade em Santana do Livramento, 2019.

1. Jovem. 2. Rural. 3. Sucessão. 4. Reforma Agrária.
I. Costa, Cassiane da. II. Título.

JEFERSON CUPSINSKI MARTINELLI

SUCESSÃO OU ÊXODO:

Jovens assentados (as) e seus projetos de vida

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Agronomia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cassiane da Costa

Aprovado em: 04/12/2019

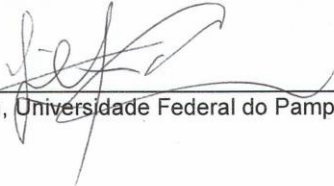
BANCA EXAMINADORA



Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cassiane da Costa
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS



Prof. Dr. Claudio Becker
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS



Me. Jeferson da Luz Ferron, Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA

Aos meus pais Itacir e Marilene, que com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

DEDICO ESSA MONOGRAFIA.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que foi quem me deu forças para completar essa etapa, quem me abriu as portas de oportunidades, onde hoje completo mais uma etapa da minha vida.

Agradeço aos meus pais Itacir e Marilene pelo incentivo e pela persistência que tiveram mesmo em meio a tantos tropeços, e a minha irmã, a qual me motiva para que futuramente possa lhe dar as mesmas condições que hoje tive.

A minha ilustre orientadora Prof^a. Dr^a Cassiane da Costa, que mesmo com todos os ensinamentos durante essa longa etapa me deu a honra de me auxiliar nessa etapa final, sendo de fundamental importância nesse trabalho conclusivo de toda uma etapa.

A dois grandes amigos, dois irmãos, um que conheço desde a infância e outro que tive o prazer de conhecer ao decorrer do curso, sendo eles Junior Pedroso Picollo amigo de infância e Kaway dos Santos Guedes, aquele amigo/irmão que a vida me deu a honra de conhecer.

Agradeço a todos os meus familiares, principalmente meus avós, Olivia Chimelo Cupsnski e Lucas Cupsinski, os quais sempre me deram apoio, até mesmo nos momentos mais difíceis.

Venho por meio deste também agradecer as minhas quatro amigas que a faculdade me apresentou, Ariane Marques, Anelisi Inchauspe, Luciane Acosta e Andressa Cardoso, que sempre estiveram ao meu lado, me auxiliando nos trabalhos, em provas, sempre de bom humor e sendo que foram pessoas que mais me identifiquei dentro daquele âmbito.

Agradeço a todos os contribuintes a esse trabalho que se dispuseram a responder a minha pesquisa de bom grado, amigos, conhecidos, familiares, agradeço de coração e quero que saibam que tenho um carinho enorme por cada um.

Agradeço também a banca examinadora, quais se dispuseram de bom grado a atender meu pedido de avaliação de todo o trabalho realizado nessa pesquisa.

Por fim agradeço a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS e todo o quadro de funcionários, professores, da limpeza, secretaria, entre outros, que sempre se dispuseram a fazer desse um ambiente de ensino de qualidade.

*A gente viveu, cresceu, aprendeu, sofreu
e riu, mas saiu mais vivo...*

- Caio Fernando Abreu

RESUMO

Hoje a grande questão a ser debatida no campo é a permanência dos jovens, para que ocorra a sucessão e o não envelhecimento rural, por isso o incentivo ao jovem é essencialmente necessário. Nesse sentido, essa monografia tem como objetivo geral relacionar os projetos de vida de jovens assentados/as da reforma agrária da geração atual e da geração da década de 1990 em Santana do Livramento/RS para entender as mudanças ocorridas na reprodução social desse grupo nesse período. De forma específica, busquei entender os motivos que fizeram ou fazem com que esses/as jovens abandonem a vida no campo para tentar a vida na zona urbana, principalmente em grandes cidades. Também quis compreender o que favoreceu e favorece a permanência de jovens nesse contexto e entender especialmente a influência dos aspectos sociais nos projetos de vida desses/as jovens do campo. O estudo foi realizado no assentamento Cerro dos Munhoz, Santana do Livramento. Foram realizadas onze entrevistas com jovens rurais, sendo seis da geração atual e cinco da década de 1990. Foram utilizados quatro roteiros de questões para dar apoio às entrevistas. A monografia trata dos motivos que levaram esses/as jovens a permanecer ou sair do campo, visando relatar as dificuldades encontradas por jovens rurais, sendo que muitos, mesmo que ainda permanecendo encontram dificuldades de viver e construir suas próprias vidas, se tornando independentes. Entendo que as dificuldades estruturais sentidas pelos/as jovens da década de 1990 eram mais fortes que as vivenciadas pelos/as jovens da geração atual. Entretanto, o desejo de autonomia e a mobilidade são questões, entre outras, que continuam influenciando fortemente na construção de projetos de vida.

Palavras-chave: Jovem, Rural, Sucessão, Reforma agrária.

RESUMEN

Hoy, el tema principal que se debatirá en el campo es la permanencia de los jóvenes, de modo que pueda ocurrir la sucesión y el envejecimiento no rural, por lo que es fundamental alentar a los jóvenes. En este sentido, esta monografía tiene como objetivo relacionar los proyectos de vida de los jóvenes colonos de la reforma agraria de la generación actual y la generación de 1990 en Santana do Livramento / RS para comprender los cambios que ocurrieron en la reproducción social de este grupo en este período. Específicamente, traté de comprender las razones que han causado o han causado que estos jóvenes abandonen la vida en el campo para probar la vida en el área urbana, especialmente en las grandes ciudades. También quería entender qué favorecía y favorecía la permanencia de los jóvenes en este contexto y especialmente entender la influencia de los aspectos sociales en los proyectos de vida de estos jóvenes en el campo. El estudio se realizó en el asentamiento Cerro dos Munhoz, Santana do Livramento. Se realizaron once entrevistas con jóvenes rurales, seis de la generación actual y cinco de la década de 1990. Se utilizaron cuatro guiones de preguntas para apoyar las entrevistas. La monografía aborda las razones que llevaron a estos jóvenes a quedarse o abandonar el campo, con el objetivo de informar las dificultades que enfrentan los jóvenes rurales, y muchos, incluso si aún permanecen, encuentran dificultades para vivir y construir sus propias vidas, volviéndose independientes. Entiendo que las dificultades estructurales experimentadas por los jóvenes en la década de 1990 fueron más fuertes que las experimentadas por los jóvenes de la generación actual. Sin embargo, el deseo de autonomía y movilidad son temas, entre otros, que continúan influyendo fuertemente en la construcción de proyectos de vida.

Palabras clave: Joven, Rural, Sucesión, Reforma agraria

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pirâmide da população rural no Rio Grande do Sul.....	20
Figura 2 – Pirâmide da população rural de Santana do Livramento	21
Figura 3 – Imagem via satélite entre município de Santana do Livramento/ RS e o assentamento Liberdade do Futuro.....	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Percentual de população de 15 a 24 anos e percentual de moças nesta faixa etária nos assentamentos de reforma agrária de Santana do Livramento/RS atendidas pela COPTEC	24
Tabela 2 – Nível de escolaridade de jovens rurais com faixa etária entre 15 e 24 anos nos assentamentos de Santana do Livramento/RS.....	25

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização dos/as entrevistados/as.....	37
--	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	18
2.1. CRISE SUCESSÓRIA NO CAMPO: SUCESSÃO FAMILIAR OU CRESCIMENTO INDIVIDUAL?	18
2.2. SOBRE A CRISE SUCESSÓRIA	18
2.3. SER JOVEM NOS ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA	21
2.4. JOVENS DO CAMPO NO CAMPO OU EM MIGRAÇÃO	28
3. METODOLOGIA	35
4. RESULTADOS	37
4.1. PROJETOS DE VIDA DE JOVENS ASSENTADOS/AS	37
4.2. O CONTEXTO DOS ASSENTAMENTOS NA DÉCADA DE 1990 E ATUALMENTE	38
4.3. A DECISÃO DOS (AS) JOVENS DO CAMPO NA GERAÇÃO 1990: SAIR OU FICAR	41
4.4. A DECISÃO DOS (AS) JOVENS DO CAMPO DA GERAÇÃO ATUAL: SAIR OU FICAR	45
4.5. RUPTURAS E CONTINUIDADES NO PROCESSO DE SUCESSÃO	49
5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESENVOLVIMENTO GERIDO POR JOVENS COMO POSSIBILIDADE	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57
APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTÕES PARA JOVEM NA GERAÇÃO ATUAL QUE CONTINUA NO ASSENTAMENTO	60
APÊNDICE B - ROTEIRO PARA JOVEM NA GERAÇÃO ATUAL QUE MIGROU PARA A CIDADE.....	62
APÊNDICE C - ROTEIRO PARA PESSOAS QUE ERAM JOVENS NA GERAÇÃO 1990 E QUE CONTINUAM NO ASSENTAMENTO	63
APÊNDICE D - ROTEIRO PARA PESSOAS QUE ERAM JOVENS NA DÉCADA DE 1990 E QUE MIGRARAM PARA A CIDADE.....	65
APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	66

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a Região Sul do Brasil passou a vivenciar um processo seletivo de êxodo rural. A população que deixa de viver no campo, com destino às cidades é majoritariamente formada por jovens, principalmente moças (ANJOS, CALDAS, 2005; COSTA, CAMARERO, 2015). No Brasil, existem 7.822.452 jovens rurais com idade entre 15 e 29 anos, representando 26,22% da população rural. Já no Rio Grande do Sul são 336.026 jovens na mesma faixa etária, representando 21,09% da população rural (CENSO DEMOGRÁFICO, IBGE, 2010). Ainda, os dados estatísticos apontam a masculinização e para o envelhecimento da população que permanece no campo (COSTA, CAMARERO, 2015).

No presente trabalho será tratada a problemática do êxodo rural de jovens, um tema que é muito questionado e debatido no mundo rural. Trabalho mais precisamente em assentamentos oriundos da reforma agrária, onde o estilo de vida é mais simples, o local é de difícil acesso, e as opções de desenvolvimento por vezes são limitadas a quem mora nessas localidades, dificultando a permanência do/a jovem no campo. Assim, me interessa estudar os projetos de vida de jovens oriundos/as de assentamentos de reforma agrária.

Hoje o papel sucessório vem sendo deixado de ser exercido pelos/as jovens do campo, quando o/a jovem permanece na atividade da terra, ele/a opta por tomar seu próprio caminho. Isso acontece por escolha individual, até porque pretende criar sua própria família ou por alguma relação com sua família que o limita de exercer em cima da terra já conquistada. A situação encontrada nos assentamentos da reforma agrária é ainda mais preocupante, pois se não existir a sucessão da terra, qual será seu destino? A conquista então foi em vão? Anos de luta serão esquecidos, deixados a pairar em um passado que não é mais presente em nossas vidas? Acreditamos que um modelo produtivo, o qual o sistema agrário criou, baseado apenas em produzir alimentos, propósito dado na época em que o projeto foi então lançado, esse não deve morrer. Eu como jovem, como filho de assentado, procuro alguma forma de resgatar esse interesse pela terra, por continuar o trabalho que nossos pais, tios e avós começaram, e isso está de certa forma em minhas mãos. De forma geral nas mãos dos/as jovens, pois qual é a função da geração

seguinte no campo? Seguir o processo para colher os frutos e não deixar essa atividade morrer.

Trago esses elementos a partir da minha trajetória de jovem filho de assentado da reforma agrária. Vivo no Assentamento Liberdade no Futuro, na Localidade, Cerro dos Munhoz, em Santana do Livramento. Como jovem estudei e observei a história do meu assentamento nos últimos 28 anos, idade atual do mesmo. Nasci e me criei no assentamento, acompanhei várias mudanças ao decorrer do tempo. Quando criança, sem muito entender, pude ver mudanças, as quais foram influenciando na trajetória de jovens do campo.

Em 1991 chegaram os/as primeiros/as assentados/as da reforma agrária em Santana do Livramento, entre os/as jovens da época eram meus pais e tios. Estes foram de fundamental importância para que aquele ato de apropriação da terra, a qual não era produtiva no momento, fosse fértil. Contam esses/os mesmos/as jovens que as condições de vida naquele ambiente eram precárias, onde mal tinham com o que se alimentar, mas que foi melhorando no decorrer do tempo. Hoje conversando com esses/as “jovens há mais tempo”, percebo porque praticamente não houve abandono naquelas reais circunstâncias, onde não havia escolas, não tinha nem sequer acesso digno à localidade. Era apenas um corredor entre meio aos campos brutos, onde mal passavam carroças de boi ou cavalo. Hoje as condições são outras, as pessoas do campo têm maior acesso ao que vem do ambiente externo, porém isso facilitou que o ambiente externo entrasse também no campo, abrindo o leque de opções para os projetos de vida dos/as jovens assentados/as. Podemos usar as tecnologias, principalmente a que está ligada à agricultura, abrindo portas, porém essas mesmas portas são as que deslumbram quem antes levava uma vida simples no campo, levando as mesmas para o mundo externo.

Muitos/as jovens dos dias de hoje não conseguem ver perspectiva de vida no meio rural. Conversando com amigos da mesma faixa etária, vejo que muitos desacreditam no potencial da agricultura familiar. Com isso ficam as perguntas desses mesmos, pois hoje na real situação, apesar de ser mais favorável do que na época de nossos pais e tios, a concorrência no mundo externo está muito maior? Como nós pequenos podemos concorrer com grandes multinacionais? Já que estas são praticamente donas do mercado mundial, ou como podemos competir com uma CEASA (Central Estadual de Abastecimento) quando falamos de alimento? A essa questão respondo: é uma tarefa difícil, mas se pararmos para pensar podemos sim

concorrer com uma CEASA e criar condições de viver no campo, ter uma vida digna e bem sucedida.

Nesse sentido, essa monografia tem como objetivo geral relacionar os projetos de vida de jovens assentados/as da reforma agrária da geração atual e da geração da década de 1990 em Santana do Livramento/RS para entender as mudanças ocorridas na reprodução social desse grupo nesse período.

De forma específica, pretendo entender os motivos que fizeram ou fazem com que esses/as jovens abandonem a vida no campo para tentar a vida na zona urbana, principalmente em grandes cidades. Por outro lado, quero compreender o que favoreceu e favorece a permanência de jovens nesse contexto. Buscarei ainda entender especialmente a influência dos aspectos sociais nos projetos de vida desses/as jovens do campo. Assim pretendo buscar entender a vivência como um todo, ressaltando o convívio com a comunidade presente no local. Quero saber se o aspecto social interfere no sistema produtivo, entender a relação entre vizinhos, entre familiares, se juntamente ambos os aspectos, tanto sociais quanto produtivos têm algum tipo de ligação que influenciou ou não na permanência ou saída do jovem do campo.

Quando ressaltamos o termo sucessão, nos deparamos com um dos fatores que implica e muito nesse quesito, que seria o interesse do/a jovem. Para alcançar os objetivos, pretendo entrevistar onze pessoas, seis jovens assentados/as, com idade de 16 a 29 anos, da geração atual, e cinco adultos que foram jovens assentados/as na década de 1990 no Assentamento Liberdade no Futuro. A escolha do assentamento se justifica por ser o primeiro criado no município, no início da década de 1990 e por ter um número representativo de jovens na atualidade. As entrevistas acontecerão com auxílio de um roteiro de questões (ver Apêndice A). Elas foram gravadas, com a devida autorização dos/das entrevistados/as.

As idades designadas para o projeto foi em relação às diferentes gerações, onde a primeira geração de jovens em assentamentos, situada entre os anos 1991 (chegada dos primeiros assentamentos) a 2000. Nos dias atuais com uma média de 35 anos de idade, foram os primeiros jovens, os quais sofreram com as dificuldades encontradas, já que era início de uma nova vida. Em relação aos jovens nascidos entre 2000 a 2010, com média de idade de 20 anos, esses já encontravam um ambiente estabelecido com melhores condições para as famílias de assentados/as.

O município de Santana do Livramento/RS localiza-se a cerca de 500 km da capital Porto Alegre, na Fronteira Oeste. Atualmente, ele encontra-se em uma grande transição produtiva. Antigamente, a principal atividade era a bovinocultura de corte, a qual tem papel central na história do território. Com a chegada dos primeiros assentamentos, no ano de 1991, os sistemas de produção, as formas de produzir e de viver sofreram mudanças. Houve um aumento considerável da diversidade produtiva. Nesse cenário, ganhou destaque a bovinocultura de leite, a qual foi estimulada pela COPERFORTE (Cooperativa Regional dos Assentados da Fronteira Oeste LTDA), fundada em 2002. Por outro lado, também cresce a produção de soja no município, atividade mecanizada que tem baixa necessidade de mão de obra por unidade de área.

A justificativa que dou à escolha do tema é a familiaridade com o assunto, pois cresci em assentamentos da reforma agrária, portanto vi a transição de jovens do meio rural para o urbano. Sei o quanto é difícil a vida no campo, como dependemos de um sistema de desenvolvimento precário. Conheço e conheci jovens que abandonaram a vida no campo para viverem novas experiências em polos urbanos, onde a expectativa de vida e crescimento seria maior. Porém, através de diálogo com os mesmos, vejo que a frustração em saber que abandonar o assentamento foi a pior escolha desses jovens. Busco entender a força maior que fez com que esses/as jovens saíram do meio onde tem maior familiaridade, onde cresceram e tem raízes. Apesar de crescer nesse meio ainda busco novas percepções, pois cada ser humano age e pensa de uma forma diferente.

Ressalta-se que, vivemos uma crise sucessória na agricultura familiar no sul do Brasil. Com o passar dos anos os patriarcas chegam a uma determinada idade onde deverão escolher ou designar quem irá dar continuidade aos trabalhos realizados na propriedade. Porém, na maioria das vezes, ainda mais em tempos onde a era moderna vem se apoderando da humanidade, encontrar quem queira dar continuidade a uma vida simples no campo tem sido uma barreira cada vez maior. Filhos/as e/ou netos/as de produtores buscam a vida fora no campo, pois não querem viver de uma forma diferente do avanço do mundo, muitos acham a vida no campo um atraso, a velhice chega e o vínculo com a terra perde-se.

Buscando vários estudos, pude perceber que não existe o comparativo entre duas gerações em relação à sucessão familiar da terra, principalmente na agricultura familiar e nos assentamentos de reforma agrária. Precisamos de mais estudos sobre

a crise sucessória no contexto de assentamentos, sendo esse enfoque da relação entre projetos de vida de jovens assentados e assentadas de diferentes gerações inovador.

A permanência dos e das jovens nos assentamentos é fundamental para que a reforma agrária dê certo. As famílias assentadas da reforma agrária são importantes para movimentar a economia do território, bem como contribuir com seus aspectos culturais trazidos de diferentes regiões. Os saberes tradicionais são repassados de geração em geração, sendo que a permanência da juventude do campo garante a continuidade desse processo.

A monografia em questão foi constituída em quatro itens. Além dessa introdução. No item 2 tratamos de buscar ajuda em trabalhos de diferentes autores para tratar esse assunto através da consolidação da revisão bibliográfica, o que nos deu suporte necessário para justificar tudo que aqui foi tratado. Além da revisão bibliográfica, busca-se também a consolidação de dados e argumentos através de entrevistas, conversações ou pesquisa ressaltando vivências reais as quais fazem jus ao tema original. Assim, no Item 03 trazemos os aportes metodológicos da monografia. Na sequência, no Item 04, apresentamos os resultados. Por fim, trazemos o Item 05, Considerações Finais.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. CRISE SUCESSÓRIA NO CAMPO: SUCESSÃO FAMILIAR OU CRESCIMENTO INDIVIDUAL?

Nesse item, revisão bibliográfica, iremos discutir com autores/as em relação à situação do/a jovem do campo, suas perspectivas, seus problemas de convívio, sua identidade com o meio, entre outros objetos de conversação. Também, será de importante auxílio para a pesquisa por usar fontes de autores/as renomados/as nessa área, para assim, consolidar a discussão e os pontos abordados. Essa é então uma pesquisa baseada em artigos, livros, teses, entre outros instrumentos de pesquisa para gerar uma boa relação entre o projeto em questão e os/as autores/as aqui citados/as.

2.2. SOBRE A CRISE SUCESSÓRIA

Nas últimas décadas, o Sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) vivem uma crise sucessória no campo (ANJOS, CALDAS, 2005; COSTA, CAMARERO, 2017). Essa crise é marcada pelos processos de envelhecimento e de masculinização da população rural. Esses processos são resultados do êxodo rural seletivo de jovens, principalmente moças, que acompanhamos nas últimas décadas.

No passar dos anos ocorreu uma modificação no perfil do fluxo migratório rural: nos anos de 1950 o grupo etário responsável pela maior taxa de migração era de 30 a 39 anos, Em 1990 predominava a saída de jovens rapazes de 20 a 24 anos e moças de 15 a 19 anos, com a tendência de, cada vez mais, jovens com idade inferior a 20 anos saírem do meio rural (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1998, p. 3).

Dessa forma, esses autores mostram que a faixa etária da população rural que migrava do campo para a cidade foi diminuindo ao passar dos anos. Isso de fato ocorre e pode ser explicado, em partes, pelas condições relacionadas às distintas épocas, onde nos dias de hoje novas janelas de oportunidades, sejam elas benéficas ou não, se abrem para o jovem do campo.

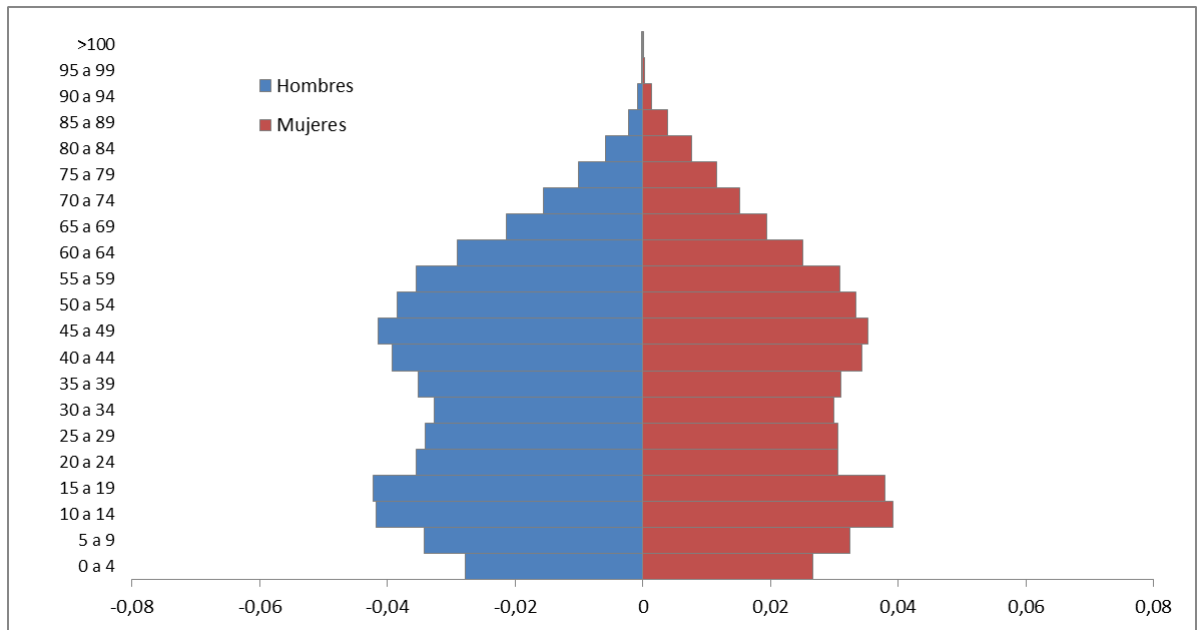
Para Goodman et al. (1990), a partir da década de 1960 inicializou-se a entrada da agricultura moderna na produção agrícola, conhecida como “Revolução Verde”, tornando o custo de produção mais elevado, sendo que quem não tinha condições de modernizar a produção ficasse praticamente sem produzir para o mercado externo, essa competição fez com que produtores, basicamente da agricultura familiar, parassem de acreditar na vida no meio rural, e por consequência desencorajando futuros sucessores nas propriedades. Essa implicação no setor produtivo de alimentos é um dos maiores delimitadores do crescimento agrícola, o qual por vez desvaloriza o meio rural, fazendo com que a produção e a permanência se tornem algo de risco, algo a ser desacreditado. Assim, inicia-se um forte processo de êxodo rural no Brasil.

A modernização da agricultura brasileira, ou a “Revolução Verde”, é um processo de transformação produtiva da agricultura baseada na quimificação e artificialização dos meios naturais de produção pelos produzidos industrialmente (adubos, agrotóxicos, sementes melhoradas) gerando o aumento da produção e produtividade agrícolas bastante significativos (GOODMAN et al., 1990 p. 54).

Dessa forma, o êxodo rural da segunda metade do Século XX, animado pela modernização da agricultura e pela industrialização, que enviava as famílias às cidades, muda a dinâmica a partir da década de 1990, passando a ocorrer o êxodo seletivo de jovens e principalmente de jovens mulheres. Essa transformação somada à diminuição da taxa de fecundidade no Brasil provocaram os processos de envelhecimento e de masculinização da população rural (COSTA, CAMARERO, 2017).

Esse processo de masculinização e de envelhecimento não acontece em todas as regiões do Brasil de maneira uniforme, a Região Norte do país, por exemplo, tem altos percentuais de população jovem no campo. Já na Região Sul esses processos se dão de forma intensa. Para perceber a magnitude dos processos de envelhecimento e de masculinização da população rural no Rio Grande do Sul e em Santana do Livramento, podemos observar as figuras abaixo.

Figura 1 - Pirâmide da população rural no Rio Grande do Sul

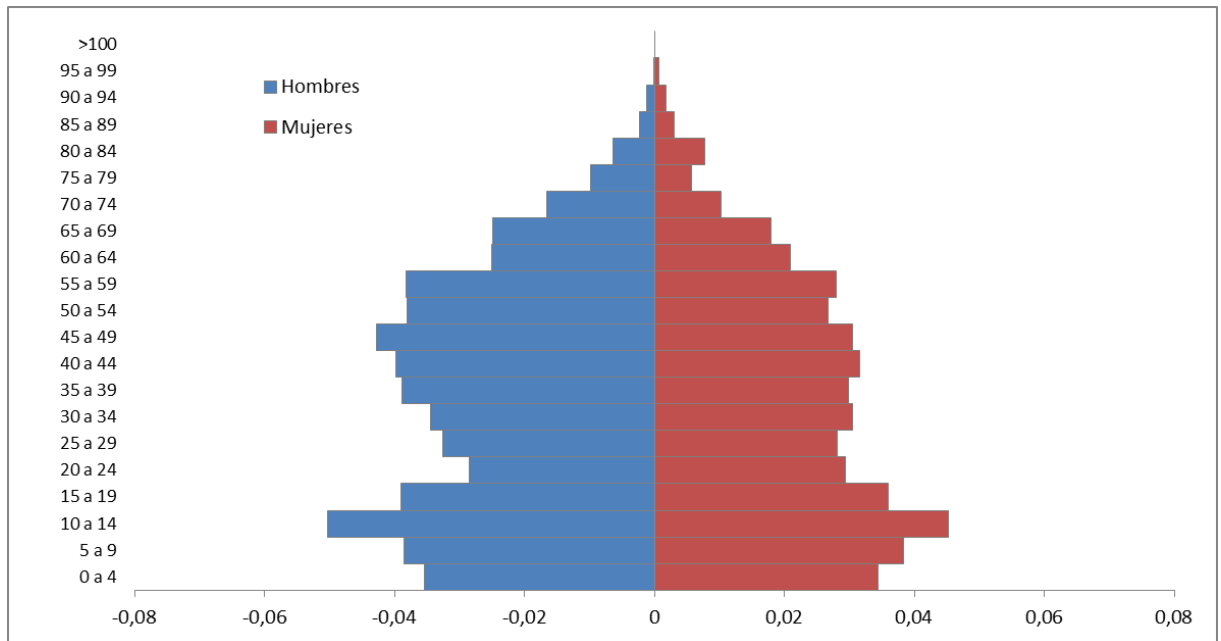


Fonte: Dados do Censo Demográfico 2010. Disponível em Costa e Camarero (2017).

A pirâmide da população rural do RS mostra um estreitamento no meio, população jovem até população de 40 anos, esse é reflexo do êxodo seletivo de jovens durante as últimas décadas. O estreitamento da base significa a diminuição da taxa de fecundidade, mas também reflete a diminuição do número de mulheres em idade fértil no meio rural. Também é possível observar o predomínio de homens, masculinização da população.

Já a segunda pirâmide mostra uma situação ainda mais caótica. A constituição da população rural de Santana do Livramento está totalmente desequilibrada. Nela podemos observar um forte estreitamento no meio, marcando o intenso processo de saída de jovens do campo. Também podemos observar um processo de masculinização bem mais intenso do que ocorre no RS.

Figura 2 - Pirâmide da população rural de Santana do Livramento



Fonte: Dados do Censo Demográfico 2010.

A partir dessas condições, se instala uma crise na reprodução social da agricultura familiar no Sul do Brasil. À sucessão da propriedade e a socialização na agricultura são passados de geração a geração nessa realidade. Quando sucessores e sucessoras são encontrados com dificuldade, ou não são encontrados, um alto percentual de propriedades familiares passa a ser vendido. Nesse sentido, Champagne (1986, p. 5) constata que “[...] a reprodução dos agricultores depende de sua vontade de se reproduzir e do desejo de seus filhos de se tornar, por sua vez, agricultores”. Trabalharemos mais nesse ponto nos próximos itens.

2.3. SER JOVEM NOS ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA

Antes de falar sobre jovens em assentamentos de reforma agrária, é importante tratar sobre quem são os (as) jovens do campo, também chamados jovens rurais. A juventude rural está relacionada com uma fase da vida que tem seus limites de idade modificados conforme as diferentes realidades. No Estatuto da Juventude (Lei 12.852/2013), consideram-se jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos. Mas jovem não é remetido apenas à idade. Entendo que ser jovem é

trabalhar em constante crescimento, visando inovações e cumprindo seu papel para que a população rural se desenvolva.

Conforme Castro (2008), ser jovem rural está relacionado ao um peso de uma posição hierárquica de submissão. Ser jovem rural e mulher, por sua vez, representa um lugar ainda mais submisso nas relações de poder que se estabelecem no interior da família (CASTRO, 2008). Ser jovem do campo não é fácil, pois temos que provar nosso valor e provar que somos capazes de assumir uma propriedade e dar continuidade ao que sua família já vem exercendo.

Para Castro (2013), conhecer a juventude rural como um todo não é tarefa fácil, pois o contexto é amplo, e não deve ser focado em um único ponto, pois quando fechamos a nossa forma de olhar para o mundo acabamos não olhando ele como um todo. A forma como Castro (2013) sugere a abordagem do pesquisador para entender a situação real de jovens, principalmente em assentamentos da reforma agrária, é ampla. Conforme a autora, teríamos que tratar de conhecer sua história, sua posição no meio político, ou então buscar informações sobre como é seu dia a dia no assentamento. Também precisaríamos vivenciar, viver, conviver com os mesmos ou como os mesmos para então entender como é ser um jovem rural. Nesse sentido, a minha condição de jovem assentado da reforma agrária me possibilita um olhar interessante sobre o tema.

Castro investiga, em sua tese de doutorado, a realidade de jovens assentados do RJ, tratando sobre a decisão de sair ou ficar.

[...] alguns elementos configuradores dessa dualidade são: a difícil realidade de se reproduzir a pequena produção familiar na região; as tensões a partir das relações de autoridade na família e na comunidade; e os diferentes olhares para a realidade e o universo rural e urbano do qual fazem parte esses jovens e adultos, pais e filhos (CASTRO, 2013, p.60).

Segundo a autora (2013), o “ficar e sair” é muito questionado, é de vontade dos pais que seus filhos permaneçam dando continuidade ao que já vem sendo trabalhado há anos, mas fica a questão do poder ficar, se é de fato vantagem ou não para o jovem. Sabemos que as condições no campo algumas vezes são piores do que na área urbana, isso faz com que não só os filhos questionem o ficar ou não, mas principalmente seus pais, os quais almejam uma vida melhor ou diferente do que tiveram para seus filhos/as.

Entretanto, e se a opção for ficar como permanecer com qualidade de vida no assentamento? Castro dá pistas sobre essa questão.

[...] Nesse caso, o jovem deveria ser impedido de completar seu destino: a migração do campo para a cidade e o conseqüente fim do mundo rural, em especial do trabalho familiar. Em vez disso, o jovem pode ser o agente de uma transformação social que resgate o mundo rural. Com base nesta percepção, existem alguns programas sociais que visam manter o jovem no campo e dar-lhe capacidade de liderança. No entanto, estes esforços nem sempre consideram que a mudança dessa realidade vai muito além dos esforços individuais, demanda ações coletivas e mudanças mais profundas na realidade (CASTRO, 2013, p.53 e 54).

Para Castro (2013), o jovem assentado deve criar sua própria identidade para manter o essencial do campo, encontrar seu lugar e criar raízes, não deixar que o campesinato, que a reforma agrária seja fruto de um passado esquecido, pois cabe à nova geração que esse trabalho continue a dar frutos. Porém, a autora menciona que esse não é tarefa fácil, nem mesmo deve ser tomada de forma individual, pois o mantimento desse processo interfere em todos que desfrutam desse ambiente, então não pode ser tratado de forma individual um processo que é coletivo (CASTRO, 2013).

Nos 30 assentamentos de reforma agrária de Santana do Livramento em 2014 viviam 448 jovens, com idade entre 15 e 24 anos. Embora esta não corresponda exatamente à faixa etária mencionada no Estatuto da Juventude, 15 a 29 anos, estes dados auxiliam na caracterização da juventude do campo nesta realidade. Conforme pode ser observado na Tabela 01, o percentual de jovens e o de moças nesta faixa etária varia bastante entre os assentamentos.

Tabela 1 – Percentual de população de 15 a 24 anos e percentual de moças nesta faixa etária nos assentamentos de reforma agrária de Santana do Livramento/RS atendidos pela COPTEC.

Assentamento	Jovens de 15 a 24 anos	Pop. Total	% de jovens	% de moças
31 de Março	7	39	17,9%	71,4%
Apolo	11	80	13,8%	54,6%
Banhado Grande II	2	29	6,9%	0,0%
Bom Sera	16	79	20,3%	62,5%
Capivara	21	61	34,4%	42,9%
Liberdade no Futuro	29	172	16,9%	31,0%
Coqueiro	15	96	15,6%	66,7%
Fidel Castro	28	174	16,1%	50,0%
Frutinha	9	49	18,4%	66,7%
Herdeiros de Oziel	16	103	15,5%	37,5%
Ibicuí	30	177	16,9%	70,0%
Jupira/ São Leopoldo	26	128	20,3%	73,1%
Leonel Brizola	4	27	14,8%	75,0%
Pampeiro	16	94	17,0%	43,8%
Posto Novo	13	67	19,4%	30,8%
Recanto	8	52	15,4%	12,5%
Santa Rita II	8	72	11,1%	50,0%
Santo Ângelo	13	53	24,5%	46,2%
São João II	17	73	23,3%	47,1%
São Joaquim	18	104	17,3%	44,4%
Sepé Tiarajú III	15	97	15,5%	46,7%
Conquista do Cerro da Liberdade	37	202	18,3%	43,2%
Esperança da Fronteira	7	68	10,3%	57,1%
Nova Esperança	11	81	13,6%	36,4%
Nova Madureira	9	72	12,5%	44,4%
Paraíso II	2	23	8,7%	50,0%
Rincão da Querência	1	10	10,0%	0,0%
Roseli Nunes	33	195	16,9%	63,6%
Torrão	13	52	25,0%	46,2%
União Rodeiense	13	59	22,0%	61,5%
Total	448	2592	17,3%	50,7%

Fonte: Dados do SIGRA disponibilizados pela equipe local da COPTEC, 2014.

Existem assentamentos onde o percentual da população jovem é alto, como Capivara, com 34,4%. Já em outros, este percentual é baixo, como Banhado Grande II, representando apenas 6,9% da população. Em alguns assentamentos, as moças predominam na população jovem, representando 73% no caso do Assentamento Leonel Brizola. Já em assentamentos como Posto Novo, as moças representam apenas 30,8%. Em relação ao número total de assentados e assentadas do

município, a população de 15 a 24 anos representa 17,3%, com distribuição equilibrada entre os sexos.

Os/as jovens costumam ter baixa escolaridade, conforme pode ser visto na próxima tabela, entre a população de 15 a 24 anos, 40,6% tem ensino médio incompleto.

Tabela 2 - Nível de escolaridade de jovens rurais com faixa etária entre 15 e 24 anos nos assentamentos de Santana do Livramento/RS

Nível de escolaridade	Jovens	Valor %
Analfabeto	4	0,9%
Ensino Fund. Completo	85	19,0%
Ensino Fund. Incompleto	182	40,6%
Ensino Médio Completo	55	12,3%
Ensino Médio Incompleto	109	24,3%
Não Alfabetizado	1	0,2%
Superior Completo	1	0,2%
Superior Incompleto	9	2,0%

Fonte: Dados do SIGRA disponibilizados pela equipe local da COPTec, 2014

Atualmente existe transporte gratuito para estudantes de nível fundamental e médio do espaço rural do município. Somente temos uma escola com ensino médio no rural do município atualmente. Não temos oferta de ensino de jovens e adultos no espaço rural atualmente. Essa situação precisa melhorar.

A mobilização social da juventude nos assentamentos do município já foi forte, sendo que é comum a representantes do MST (Movimento Sem Terra), da COPTec (Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos Ltda), e dos jovens a necessidade de reativar esta mobilização. Há alguns anos atrás, existiam vários grupos de jovens nos assentamentos do município. Eles eram voltados ao lazer, ao estudo e à militância social. A prática de esporte mobilizava grande parte dos esforços. Com o passar do tempo, os grupos foram se desarticulando a partir do casamento ou do êxodo rural dos membros, sem que os mais jovens assumissem a responsabilidade (COSTA, 2014).

Eu sou assentado desde fim de 2002. Entrei para o assentamento e já me inseri no grupo de jovens. Na época em que eu fui assentado, tinha uma gurizada bacana assim. Nós montamos o grupo de jovens. A maioria, como já faz alguns anos, casaram, a maioria foi embora, alguns assumiram os lotes dos pais. Particpei do grupo até 2007, 2008, quando começamos a fazer. Porque na época era mais um grupo de jovens para festa, e alguma discussãozinha e outra, mas mais para festa, questão social mesmo. Aí, 2007, 2008, começamos a fazer uma ligação mais forte até mesmo com o

grupo de jovens do Cerro do Munhoz. Aí começamos a movimentar um pouco mais. Já se tornou um grupo forte aqui em Livramento. A gente fez vários trabalhos dentro do movimento com a juventude. Hoje em dia voltei a estudar, tive que parar, tive que me aquietar um pouco. Numa visão geral de hoje, os assentamentos, não vejo só o meu lá, mas a maioria dos assentamentos, o pessoal que tocava o grupo de jovens não conseguiu tocando por idade, ou mesmo por necessidade de trabalhar e tal, e não teve também, até é uma crítica que eu faço pra mim mesmo, a gente não teve a capacidade de transferir esta responsabilidade para os jovens de hoje, para a nova juventude de hoje, de seguir tocando isto. A crítica que eu faço pra mim mesmo. Acho que é por aí, a gurizada hoje está mais paradona um pouco por culpa nossa (Entrevistado Eder em COSTA, 2014, p.13).

Atualmente, sabemos da existência de apenas um grupo de jovens organizado como tal no espaço rural de Santana do Livramento. Esse grupo foi criado na Comunidade Quilombola Ibicuí da Armada a partir da iniciativa da Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural). A partir de um trabalho iniciado pela EMATER-ASCAR, com parcerias de outras instituições, vem sendo organizado nos últimos anos um Encontro Municipal de Jovens Rurais, embora ele seja voltado apenas para determinado número de jovens rurais estudantes. Nesse ano foi realizada a primeira Olimpíada Rural da Juventude do Campo no município. O evento foi protagonizado pela E. E. E. M. Antônio Conselheiro, do qual tive a oportunidade de participar juntamente com a orientadora dessa pesquisa.

Existem também algumas iniciativas pontuais dos (as) próprios (as) jovens como a realização de jantares e de jogos de futebol em alguns assentamentos. Além disso, o setor de juventude do MST realiza ações como jornadas em escolas do espaço rural, acampamentos e formação anual para alguns jovens, entretanto as atividades não têm continuidade, e o grupo precisa de maior apoio (COSTA, 2014).

Segundo Ferron (2019), um grande problema encontrado na década de 1990, quando chegaram os primeiros assentamentos em Santana do Livramento foi a adaptação, um processo lento e de longa trajetória, pois, além de jovens, adultos e crianças terem que lutar para se adequar a nova realidade, ainda precisaram lutar contra os grandes produtores, que na época eram estancieiros e fazendeiros produtores de bovinos e ovinos. Esse processo de adequação ainda está em constante debate, pois o patronal vive em conflito direto com a agricultura familiar, a qual busca diversificar sua produção, indo contra tudo o que os nativos da região entendem por produzir.

Para Ferron (2019), quando se trata de reforma agrária ou agricultura familiar, nos deparamos logo com a produção de alimentos, papel designado e exercido

principalmente por pessoas pertencentes a movimentos sociais. Mas, como tudo é um ciclo, até mesmo a vida, jovens envelhecem, e ao passar dos tempos o jovem da atualidade vem desgarrando do meio rural, em um processo de transição do rural para o urbano. Esse fator implica muito na questão de produzir alimentos. Novas gerações, as que têm a função de permanecer e dar continuidade ao trabalho da produção de alimentos acabam saindo, o campo envelhece e por consequência o alimento deixa de ser produzido.

Segundo Ferron (2019), o jovem do campo, apesar dos fatores internos ele ainda precisa lutar contra os externos, seja ele o fator da modernização da agricultura, pois cabe a ele adequar-se a nova realidade ou contornar os problemas que causará, ou a disputa do agricultor empresarial e do agricultor familiar. Disputa essa que está praticamente relacionado com o mercado, aquele que adquire a produção e distribui para o consumidor. Muitas vezes o produtor rural de baixa escala produtiva passa por consequências impostas pelo mercado, àquele que na maioria das vezes visa atender o produtor empresarial, deixando de lado e obrigando o agricultor familiar a se render a propostas ditadas pelo agronegócio.

Para Ferron (2019), hoje, o jovem rural é o principal atingido pelas mudanças, pelas adequações tendo em vista a continuidade do processo produtivo, o qual já vem sendo trabalhado nas últimas décadas. Busca o jovem entender o funcionamento, como lidar com os entraves, as consequências geradas por ser um produtor de alimento, algo que tem saído de moda no setor agrícola, pois a produção do monocultivo, principalmente da soja é o que vem tomando espaço e atingindo até mesmo esses ainda produtores de alimento.

Ferron (2019) usou como objetivo geral para sua dissertação “analisar as estratégias de reprodução social dos agricultores familiares assentados de Santana do Livramento/RS”. O autor buscou entender como era a relação dentro dos assentamentos da reforma agrária e suas estratégias de vivência. A relação entre os constituintes daquele âmbito social, buscando também entender como funciona a relação das atividades agrícolas ou não agrícolas para o desenvolvimento local rural.

Para Ferron (2019), os assentamentos da reforma agrária presentes em Santana do Livramento possuem o sistema de produção diversificado, buscando atender vários pontos do mercado, pois tratam-se de lotes com limitações de extensão, o que faz com que as famílias assentadas tenham que recorrer a vários mercados de diferentes distinções.

Outro fator mencionado por Ferron (2019) é que a pluriatividade é predominante nos assentamentos da região, pois nem toda renda obtida em alguns casos é apenas de procedências agrícola. Nesses casos, menciona a renda oriunda por meio de empregos fixos remunerados, não ligados à prática agrícola, ou algum benefício social recebido por membros das famílias.

2.4. JOVENS DO CAMPO NO CAMPO OU EM MIGRAÇÃO

Na agricultura familiar, o (a) jovem é um (a) aprendiz de agricultor (a) no interior dos processos de socialização e de divisão social do trabalho na unidade de produção agropecuária. O trabalho dos membros da família é central na reprodução da agricultura familiar, sendo que os (as) jovens costumam participar desde cedo nos processos produtivos (TROIAN, 2014). Neste contexto, de forma geral, os (as) jovens carecem de reconhecimento, necessitando de maiores investimentos em políticas públicas e de maior valorização no interior da unidade produtiva agropecuária (TROIAN, 2014). Estes fatores impedem ou dificultam a permanência no espaço rural, mesmo entre aqueles (as) que projetam suas vidas nele (COSTA, 2014).

Diante de diferentes contextos rurais, os/as jovens do campo constroem seus projetos de vida, sejam de permanência no campo ou de migração para a cidade.

Não obstante, nos diferenciados diferentes espaços agrários do país, existiam jovens rurais que vivenciavam distintos problemas sociais e, dentro das suas possibilidades e constrangimentos, construam estratégias de inclusão social, fosse pela reprodução da profissão dos pais, fosse pela migração aos centros urbanos, em busca de trabalho assalariado ou de estudos escolares (MARIN; FROELICH, 2019 p. 41).

São vários os motivos que levam os (as) jovens do campo a decidirem pela vida urbana, construindo projetos de vida fora do lugar onde cresceram e onde está sua família. Esses motivos acolhem desde questões estruturais (dificuldade de acesso à terra, falta de estradas e pontes com condições de trafegabilidade, dificuldade para estudar no campo, principalmente a partir do ensino médio, baixo preço de produtos agropecuários, dificuldade para acesso às políticas públicas, dificuldade para acesso à internet, e várias outras). Questões indenitárias (idealização da vida urbana, reprodução de estigma em torno de ser camponês/a e ser assentado/a da reforma agrária). Questões sociais (sentimento de solidão no

campo, diminuição de espaços de lazer como festas, bailes e jogos no rural, etc). Disputa de poder na família (faltam espaços para participar da gestão e da divisão do resultado do trabalho na propriedade, conflitos originados por questões de gênero e de geração). Veremos algumas dessas questões na sequência.

Segundo Carneiro, Castro (2007), uma das maiores problemáticas do jovem permanecer no meio rural, seguindo os passos de sua família, é a geração de conflitos entre as gerações, pois mentes novas buscam renovar, começar a fazer mudanças internas, e no caso os mais velhos preferem permanecer do jeito que estão. Eu, como jovem assentado da reforma agrária, entendo que o que mais interrompe a continuidade do jovem no meio rural nem sempre é conflito familiar ou então o jovem não acreditar nas possibilidades dele crescer naquele meio. Mas, o jovem geralmente acredita que naquele ambiente é possível prosperar, mas muitas vezes isso é nos tirado a oportunidade de uma forma involuntária talvez. As portas que se abrem para muitos na maioria das vezes, ou quase sempre, são fechadas para nós. Acredito e sei que o que as autoras mencionam é de fato é a realidade de jovens rurais, porém há muito mais a ser investigado e relatado como problemática para nós, Jovens Sem Terra.

É comum aos agentes sociais que são lideranças nos assentamentos de reforma agrária de Santana do Livramento a ideia de que o representativo êxodo jovem nos assentamentos do município é um problema, conforme pode ser observado em Costa (2014). Nessa oportunidade, o assentado Otilio ressaltou que o problema da sucessão não é apenas da realidade de áreas reformadas, mas de todo o espaço rural. Para o líder do MST (Movimento Sem Terra) Vicente a questão da reforma agrária está casada com a juventude, sendo que no último congresso do MST realizado em Brasília, a juventude foi destacada como temática que precisa de avanços. “Nós daqui a pouco estamos saindo da reforma agrária, queremos um assentamento pra quem? Pros jovens” (Vicente). Esta questão também preocupa Rosi, integrante da direção da COPERFORTE: quem dará continuidade à cooperativa? (COSTA, 2014).

Focando o olhar para os (as) jovens que permanecem no assentamento, é possível encontrar uma série de situações. É comum nesta realidade que o estabelecimento de uma relação estável com um companheiro ou companheira aconteça cedo, desta forma, existem muitos (as) jovens com idade entre 14 e 29 anos que vivem em união estável e tem filhos. Conforme Marco Antônio, muitas de

suas colegas de ensino médio se casaram com cerca de dezessete anos (COSTA, 2014).

Existe outro subgrupo de jovens formado por solteiros (as) que tem seu lote próprio. Este é o caso de quatro estudantes de agronomia da UERGS (Universidade Estadual do Rio Grande do Sul) que participaram da pesquisa de Costa (2014). Conforme esclarece Marco Antônio, os jovens filhos de assentados compõem o segundo grupo na lista dos editais do INCRA para assumir os lotes. Nesta lista, primeiramente aparecem os acampados, depois os jovens, preferencialmente do sexo feminino. Para Itubiara, estudante de agronomia, esta é uma vantagem em relação aos demais jovens agricultores familiares, já que o acesso à terra é facilitado, potencializando a continuidade na agricultura (COSTA, 2014).

Esta condição de assumir os lotes não acontece com a maioria dos (as) jovens dos assentamentos do município. A maioria vive nos lotes dos pais, e não chega a assumir um lote próprio. Muitos vão trabalhar e/ou estudar na cidade de Santana do Livramento, outros procuram destinos distantes para trabalhar e viver, como a Serra Gaúcha. Entre os (as) jovens que permanecem vivendo no lote dos pais, um subgrupo está estudando e trabalhando com a família, outro somente trabalha com a família, um terceiro trabalha no lote e presta serviços fora, e um quarto subgrupo trabalha com carteira assinada fora do lote (COSTA, 2014).

Esta última situação de trabalho é favorecida em determinados assentamentos onde existe procura por mão de obra, especialmente em relação a uma empresa do agronegócio que contrata vários jovens para trabalhar no cultivo mecanizado de soja. Os estudantes entrevistados que são assentados criticam esta condição de emprego no cultivo da soja, e defendem a necessidade do projeto atuar no apoio para o desenvolvimento de atividades nos lotes (COSTA, 2014).

A estrutura fundiária, e a dificuldade de acessar a terra, é um fator limitante para a permanência do jovem no campo no Brasil. Principalmente, quando se tem muitos filhos, a permanência fica mesmo dificultada, pois o espaço é pequeno para que tantas pessoas cresçam fazendo uso daquele estabelecimento. Como ter várias pessoas em um pequeno espaço, sendo que aquelas pessoas irão depender dali para tirar seu sustento? Fica nessa questão inscrita uma das incoerências da sucessão, onde nem todos podem herdar, sendo assim, alguns deverão partir, sendo que geralmente o filho mais velho, o homem, o filho mais novo, ou quem

aceitar ficar, fica encarregado/a de dar continuidade ao que já vem sendo trabalhado.

Entre os (as) jovens que permanecem trabalhando no lote da família em Santana do Livramento, a participação dos rapazes nas decisões costuma ser maior do que a das moças. Em alguns casos, os jovens têm espaço para discutir com os pais, chegando a um acordo comum. Já em outros casos, os rapazes e as moças têm pouco espaço nas decisões (COSTA, 2014). Sobre essa questão, dei meu depoimento como jovem assentado na época: “Meu pai quer meter soja no lote dele. Bati boca, brigamos por uma semana. Quem dá a ordem final é ele” (Entrevistado Jeferson em COSTA, 2014).

Essa relação com meu pai no lote melhorou nesses últimos cinco anos a partir de muito esforço para conquistar espaço de decisão no lote da nossa família. Segundo Castro (2013), a questão da sucessão é algo muito delicado, sendo de suma importância manter a conversação. Sabe-se que muitos casos de abandono ou não continuidade do sistema já exercido na propriedade é em relação a diversos conflitos internos, ou seja, de pais com seus filhos.

Para Brumer (2007), muitos jovens oriundos do meio rural buscam estilo de vida diferente do que já estão familiarizados, buscando certa estabilidade financeira, onde a ilusão de ter sua carteira de trabalho assinada recebendo o que é de direito mensalmente, o jovem acaba por acreditar que a dependência do sistema de mercado de trabalho é satisfatória.

Os principais motivos para a emigração rural são atrativos da vida urbana, principalmente as opções de profissionalização e trabalho remunerado; bem como os fatores de expulsão, como as dificuldades da vida no meio rural e da atividade agrícola como um todo (BRUMER, 2007 p.2).

Para Spanavello (2008), com as situações sociais e econômicas, se houver sucessão do filho, o mínimo requisito básico exigido pelo jovem camponês é que houvesse uma boa qualidade de vida, digamos que basicamente uma boa relação entre vizinhos e uma boa troca entre os produtores vizinhos, e também que a vida no campo venha gerar determinada fonte de renda para uma confortável condição financeira. “A sucessão é influenciada pelas condições produtivas e econômicas dos agricultores e os agricultores com melhores condições possuem maiores possibilidades de ter assegurada a sucessão (SPANAVELLO, 2008, p. 26)”. Para a

autora se na propriedade tivermos condições favoráveis de produção, as quais facilitam aquisição de renda para auto sustendo, e isso for visível e passado de geração para geração, o sucessor verá que às condições de permanecer e viver do meio rural.

Para Spanavello (2008), a escolha do sucessor leva em consideração várias características como a idade, onde o sucessor é geralmente o mais velho, pois ele está há mais tempo na propriedade e familiarizado com o sistema. O sexo é outro fator levado em consideração, o filho homem geralmente é o que gere a propriedade. Isso só não ocorre caso não tenha um herdeiro legítimo do sexo masculino, então a filha é quem fica com essa tarefa em dar seguimento às atividades da propriedade (SPANVELLO, 2008). O estado civil também é levado em conta, pois o filho ou filha que for gerenciar a propriedade, deverá estar casado (a) para então formar uma família a qual ajudara a dar seguimento as funções na propriedade (SPANVELLO, 2008).

Ainda segundo Spanavello (2008), a escolaridade também é importante. Antigamente quem trabalhava na terra não tinha muita oportunidade de estudo, pois dedicava-se apenas a função agrícola, para então dar sequência ao sistema da propriedade. Essa situação difere dos dados atuais, quando os pais passam a função de gerir para seus sucessores, exigem e incentivam na busca de conhecimento fora da propriedade. Sendo que o/a filho/a, buscando esse conhecimento além do empírico a propriedade terá ganho em relação ao seu crescimento. Conforme Guaraná; Castro (2007), a mulher não é somente a mais interessada nos estudos, pois provavelmente ela dependerá desses estudos para criar sua própria independência, já que no meio rural, no quesito sucessão ela leva desvantagem em relação a um filho homem.

Hoje, ser jovem mulher no campo é menos complicado que antigamente, pois alguns espaços foram conquistados, porém elas não são aceitas em todas as situações. A mulher era vista como aquela que cuidava da casa enquanto os homens cuidavam da lavoura, embora as mulheres costumassem trabalhar em todas as atividades. Mas, graças a mudanças tanto fora como dentro de uma propriedade rural, onde uma mulher pode exercer os papéis então considerados masculinos, as mesmas veem conquistando espaço. Isso não é apenas um ganho para as mulheres, mas sim para toda a sociedade, seja rural ou urbana, pois a capacidade da mulher é um caminho sem fim.

Entretanto, a desigualdade de gênero ainda é forte no campo e prejudica as jovens. Essa situação, junto a fatores como maior escolaridade das jovens do campo, faz com que muitas moças almejem a vida urbana. No estudo de Strapasolas (2004), o casamento com homens da cidade é uma das estratégias utilizadas por jovens do campo de Santa Catarina para saírem do campo.

A falta de perspectiva na agricultura faz com que o matrimônio se apresente para algumas moças como uma possibilidade, uma oportunidade dela atingir uma condição melhor que aquela vivenciada na casa dos pais. O matrimônio é considerado um dos motivos que levam a jovem a sair do meio rural e, em alguns casos, uma necessidade que se impõe (STRAPASOLAS, 2004, p. 176).

Segundo Lima (2019), ser jovem é ter que lidar com limites, os quais são dados pela própria família, agora, ser jovem e mulher são um entrave maior ainda, pois na maioria dos casos, a sucessão não é encarada como papel da mulher. Sendo assim, a saída que a jovem do campo tem basicamente são duas, seja ela sair e estudar para então procurar uma vida fora do que já está acostumada, ou casar-se e constituir uma família. Sendo que ao constituir uma família, casar-se, geralmente é muito cedo, um processo que interrompe planos, interrompe sonhos, deixando de estudar ou de realizar seus sonhos.

Para Lima (2019), a questão de gênero é muito debatida, pois a desigualdade entre o homem e a mulher do campo é nítida e na maioria das vezes não é dada a devida importância para esse debate. As jovens rurais buscam seu espaço no campo, através de trabalhos realizados por grupos de mulheres ou de forma individual. Seja ele na agricultura, em cooperativas ou no artesanato, algo que tem se tornado muito frequente em assentamentos da reforma agrária, graças à luta das mulheres. Busca-se assim o espaço da jovem no campo, inovando para permanecer e mostrando para uma sociedade machista e autoritária de que a mulher do campo tem seu valor (LIMA, 2019).

Em Carneiro; Castro (2007), as autoras não citam somente a autoridade do pai em relação à autonomia na propriedade, como também a questão da divisão da renda proveniente da propriedade, divisão essa que não costuma ser realizada. O jovem por vez busca sua própria liberdade, e nos dias de hoje, como estamos ligados diretamente a questões econômicas, onde necessitamos de aporte financeiro para viver, o jovem necessita de uma renda sua se for de interesse ter

independência. Então fica a questão, como permanecer na propriedade, deixando de ser dependente de sua família se a mesma não lhe oferece condições e mesmo assim quer a sua permanência?

Segundo Marin; Froehlich (2019), o/a jovem rural procura criar sua própria identidade, encontrar seu espaço na sociedade para então encaixar-se no mundo e no meio em que vive, seja ele dentro da propriedade rural, onde seus pais já cultivam a ideia de produzir usando da terra ou partindo para novos horizontes, os quais são diferentes da sua realidade, mas que podem ser uma forma do jovem ter seu encaixe como um cidadão independente.

Segundo Marin; Froehlich (2019), o produtor rural não busca apenas produzir utilizando como ferramenta a terra. Hoje, principalmente os jovens tendem a sair da área rural buscando profissionalização, mas em muitos casos, mesmo saindo acabam voltando, aplicando o que aprenderam fora da propriedade na mesma ou auxiliando de alguma forma, mesmo que não interagindo com a produção agrícola, na renda da família. Muitos jovens buscam esse aperfeiçoamento, como ganho pessoal ou como forma de ajudar sua família.

Para Carneiro; Castro (2007), questões que possam ser usadas para cativar o jovem a permanecer no meio rural não devem ser estritamente relacionadas com produção. Jovens devem ser tratados com opções atrativas que os influenciam a trabalhar no meio rural. Isso é de suma importância, como citamos que autores, formas de promover o meio rural e também fornecer trabalho ao jovem ali permanecem. Assim, atividades, como o turismo, trazendo o público para conhecer a realidade da vida no campo, podem promover o desenvolvimento e valorizar o trabalho de jovens.

Para Marin; Froehlich (2019), “a agroindustrialização”, “a atividade turística” e “vivenciar o cotidiano de famílias de agricultores” faz com que haja o reconhecimento do público externo. Com tamanho reconhecimento, com pessoas vivenciando o que é normal para o jovem do campo vai fazer com que o mesmo deixe de ser invisível, buscando o reconhecimento. O trabalho dignifica as pessoas, não precisa ser braçal, pois a maior ferramenta do ser humano é o pensar, e pensando se constrói.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado no município de Santana do Livramento – RS, de forma específica em um assentamento da reforma agrária encontrado no interior do município, Assentamento Liberdade no Futuro, conhecido como Cerro dos Munhoz. Esse assentamento foi escolhido para o trabalho por ser o mais antigo no município e um dos mais vitais em relação à juventude. Esse assentamento também é onde vivo o que facilitou a pesquisa e a compreensão da realidade estudada.

Figura 3 - Imagem via satélite entre o município de Santana do Livramento/RS e o assentamento Liberdade no Futuro



Fonte: Elaboração do autor no Google Earth, 2019.

O trabalho em questão foi realizado com jovens oriundos (as) da reforma agrária, sejam eles (as) assentados (as) ou filhos (as) de assentados (as). A pesquisa aconteceu através da realização de entrevistas que foram gravadas e autorizadas pelos (as) entrevistados (as). As entrevistas foram feitas com auxílio de roteiros de questões (APÊNDICES A, B, C, D). Foram utilizados quatro roteiros, para pessoas jovens na década de 1990 que continuam no assentamento, para pessoas jovens na década de 1990 que migraram para a cidade, para jovens que vivem no assentamento e para jovens oriundos do assentamento que vivem na cidade.

Posteriormente, foi feita a transcrição das informações. Utilizei veículo particular para chegar até os/as entrevistados/as.

Foi entrevistado/a onze jovens de duas gerações diferentes, onde, foram entrevistados/as seis pessoas que eram jovens da década de 90 e seis jovens da geração atual, com idade entre 15 e 29 anos. Pois, a realidade foi modelada em diferentes termos durante as duas últimas décadas. Os/as primeiros/as jovens buscaram a adaptação ao novo meio juntamente com seus pais na chegada em Livramento. Os/as jovens da atualidade estão mais estabelecidos/as e estáveis, em questão de qualidade de vida. Eles e elas já nasceram no assentamento.

Durante a realização das entrevistas, observei que algumas pessoas falaram bastante, outras falaram pouco. Alguns entrevistados não permitiram que eu gravasse a entrevista, mas ela ocorreu mesmo sem a utilização do gravador. Todos/as os/as entrevistados/as assinaram termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE E).

4. RESULTADOS

4.1. PROJETOS DE VIDA DE JOVENS ASSENTADOS/AS

Esse item apresenta os resultados obtidos através de entrevistas realizadas com jovens de duas diferentes gerações, a geração que deu início a vida de jovem em assentamentos no município de Santana do Livramento e jovens da atualidade, aqueles que darão sequência ao trabalho já realizado no campo ou que optaram pela cidade. Nesse contexto, busco entender a trajetória e a complexidade da vida de jovem no campo. Busco entender também a percepção e a perspectiva que esses indivíduos buscam no meio em que vivem e quais são seus pontos de vista em relação ao campo.

No quadro abaixo podemos ver algumas características dos/as entrevistados/as.

Quadro 1 - Caracterização dos/as entrevistados/as

Nome	Idade	Saiu/Permanece	Estado Civil
Itacir	56	Permanece	Divorciado
Adelir	40	Permanece	Casado
Lucimari	35	Permanece	Casado
Adelar	45	Saiu	Casado
Marilene	43	Saiu	Divorciada
Junior	22	Permanece	Solteiro
Rodrigo	21	Permanece	Solteiro
Rafael	20	Permanece	Solteiro
Carla	20	Saiu	Solteira
Lucas	22	Saiu	Casado
Elton	24	Saiu	Solteiro

Fonte: Elaboração do autor, 2019.

4.2. O CONTEXTO DO ASSENTAMENTO NA DÉCADA DE 1990 E ATUALMENTE

O assentamento o qual foi escolhido foi Liberdade no Futuro, mais conhecido popularmente como Cerro dos Munhoz, pois tendo como ponto de referência um cerro nas proximidades da entrada ao assentamento, no caso, antes de chegar até o destino. O cerro foi denominado como Munhoz por estar localizado na propriedade onde na época era de uma família cujo sobrenome é Munhoz.

O assentamento encontra-se a aproximadamente 17 km da zona urbana do município de Santana do Livramento, tendo como principal atividade agropecuária a bovinocultura de leite, uma característica forte na localidade. Entre os moradores, a maioria é descendente de famílias italianas e é oriunda do norte do estado. Outras atividades também são desenvolvidas na localidade, entre elas destaco a produção de frutas ou hortaliças. Nos últimos anos houve a incidência da produção de soja dentro de propriedades familiares, por motivos de escoamento da produção, onde algumas famílias se renderam a esse modelo produtivo.

O assentamento Liberdade no Futuro teve seu início no ano de 1991, quando os/as primeiros/as assentados/as da reforma agrária chegaram ao município para então constituir o assentamento. Procurando em dados fornecidos pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), o órgão responsável pelos assentamentos, consta que o ano que iniciou o assentamento foi em 1992. Porém, os assentados mencionam que a real data de chegada foi sim em 1991.

Os/as assentados/as contam que ao chegar na localidade era praticamente campo e mato, a estrada de acesso era apenas um corredor em meio ao campo bruto, onde mal dava para trafegar de caminhão, quanto mais de carro. Pois foi em um caminhão que as pessoas chegaram, “enlonados/as”, sem saber certamente para onde estavam indo.

Contam os/as mais velhos/as, ou que na época ainda jovens, que apesar de terem sido largados em um lugar desconhecido, onde a única produção vista ou realizada era a pecuária bovina, o que por muitos era uma atividade desconhecida, ou pouco realizada, os/as mesmos/as não se abateram. Eram filhos/as de colonos, aqueles/as que já estavam acostumados com a vida dura e árdua, onde ter que começar do zero uma, duas ou várias vezes era algo habitual para os/as mesmos/as, então era arregaçar as mangas e recomeçar.

Havia vários tipos de pessoas, solteiras, casadas, com famílias, jovens e de mais idade, pois digamos que se encontrava ali um grupo diversificado. Nesse mesmo ambiente se viam pessoas buscando um recomeço, ou aquelas que simplesmente buscavam um começo saindo da casa de seus pais ou familiares para ter algo seu, uma casa, um pedaço de terra para constituir uma família. Apesar de ser um começo ou um recomeço difícil, as pessoas ou famílias que ali se encontravam vinham de uma base forte, pois além de serem filhos/as de colonos, era formado por um movimento social muito forte, o MST (Movimento Sem Terra), o qual deu suporte psicológico e apoio para permanecer e cultivar.

Primeiramente foi formado dois grupos, os dos solteiros e dos casados, até para não gerar conflito, e como havia duas sedes da antiga fazenda, um grupo permaneceu em uma das sedes sendo que o segundo grupo foi para a outra, até hoje chamadas de sede 1 e sede 2. Dentro desses grupos, foi formado subgrupos, os quais eram referentes às tarefas que deveriam ser realizadas dentro de um contexto coletivo, para que não faltasse nada.

Tudo teve início de forma coletiva, onde a produção era em grupo e na hora de repartir era tudo de forma igualitária, todos/as trabalham da mesma forma, com as mesmas condições e todos/as recebiam aquilo que foi adquirido. Esses produtos eram comercializados em uma grande feira, essa que era constituída pelos/as assentados/as, onde um grupo, ou vários grupos do assentamento comercializavam os produtos na cidade. Após alguns anos, até mesmo por conta dos loteamentos realizados, onde as famílias já formadas foram viver suas vidas, ou aquelas que foram se formando ao decorrer do tempo, acabaram que tomando caráter individual. Assim, o trabalho em coletividade foi ficando para trás, perdendo a essência que foi criada lá no início.

Com esse individualismo, os grupos deixaram de existir, sendo que foi dificultando a comercialização dos produtos de vários/as assentados/as, pois, onde antes eram comercializados diversos produtos, em grande quantidade, após o trabalho de forma individual a mão de obra reduziu, pois era apenas realizada por cada família. Com o fim do trabalho coletivo, reduziu as forças de comércio da maioria das famílias, as quais tiveram que exercer novos sistemas de produção e se adequar à nova realidade, isso durante alguns longos anos.

Todo esse processo foi estruturado pelo MST (Movimento Sem Terra), para adaptação, também conectando as pessoas que ali viviam. Trabalhar em conjunto,

visando à coletividade é uma forma de organização proposta pelo movimento para que se tenha o fortalecimento do mesmo e das pessoas permanentes a ele. Não foi apenas por esse motivo, pois existe todo um processo, o qual foi sendo seguido durante algum tempo. Esse processo iniciou como a ocupação da área, a apropriação e por último o loteamento, por famílias ou por pessoas de caráter individual. Após e durante todo esse processo de adaptação ou construção do assentamento em si, as famílias foram se instalando e se constituindo, pois muitos jovens principalmente da época, aqueles que não foram embora acabaram constituindo família dentro do ciclo de convívio do assentamento. O assentamento foi ganhando rosto ou características de um assentamento após o loteamento, pois foi ali que começou a tomar um rumo desenvolvimentista onde as pessoas através do ciclo produtivo e social foram evoluindo ao passar dos anos.

Relatos de jovens da época mencionam a solidão e o isolamento que era viver na localidade, pois o acesso sim era difícil na época. Se hoje os/as jovens reclamam de como é difícil chegar até a cidade, na época, na década que o assentamento chegou no município sim era difícil, pois hoje os/as jovens costumam ter uma moto ou um carro à disposição. Antes contavam com um ônibus que passava perto do assentamento, sendo que na maioria das vezes não havia dinheiro para pagar pela passagem. Alguns/as jovens se aventuravam a andar até a cidade, outros/as ainda não tinham essa mesma coragem, sendo que alguns/as mencionam que passavam meses sem sair do assentamento.

Como já mencionado, nesse contexto não havia moradias, pois as únicas estruturas encontradas na localidade eram as duas sedes da antiga fazenda, onde abrigou por determinado tempo as famílias e os ainda jovens solteiros/as. Após muita luta, muita entrega dessa nova sociedade, as pessoas que permaneceram foram construindo, constituindo suas famílias, levantando suas moradias e se tornando pessoas dignas, com um teto sobre suas cabeças.

Os/as jovens da década de 1990 mencionam a tecnologia hoje disponível para os da atualidade, pois para irmos até algum lugar nem mesmo precisamos sair de casa. O acesso à informação, a disponibilidade de recursos é imensamente maior, sendo que o reconhecimento dos/as jovens pela terra vem diminuindo com o tempo. Ao passar dos anos, cada vez mais o/a jovem rural vem perdendo o vínculo com a terra. Antes, se o/a que motivava ao abandono eram as dificuldades, hoje o/a

que motiva é o mundo lá fora, o acesso a esse mundo novo e tecnológico que encontramos.

Se hoje, formos parar para avaliar a vida no campo, a vida, principalmente do/a jovem do campo, ela se encontra difícil, mas se compararmos com o que era no início do assentamento, percebemos as melhorias e o acesso, tanto às novas tecnologias como à educação, onde hoje tudo é muito mais fácil, pois o acesso à informação está na ponta dos dedos. Em relatos de entrevistados/as, em relação a como era a vida de jovem na época do início do assentamento, mencionam que após muitos anos, alguns tiveram um cavalo como “veículo de locomoção”. Hoje cada jovem costuma ter à disposição uma moto ou um carro. Outros/as entrevistados/as mencionaram o uso do celular na época, cuja tecnologia era pouco acessada, raramente algum vizinho tinha. O grupo formado no início tinha um único celular, apenas para ligação.

Hoje se encontram disponíveis diversas redes sociais de comunicação, proporcionando várias maneiras de contatar alguém que se encontra longe. O acesso, por mais que as estradas estejam em situação crítica, hoje um jovem não precisa mais fazer 17 km a pé para chegar à área urbana. Conta um dos jovens da década de 1990: “Meu filho não vai à sede do assentamento, onde se encontra o lazer daqui, a pé. Isso que fica a um quilômetro de distância. Hoje tudo é mais fácil, mais acessível” (Entrevistado Itacir).

4.3. A DECISÃO DOS (AS) JOVENS DO CAMPO NA GERAÇÃO 1990: SAIR OU FICAR

As cinco pessoas entrevistadas nesse contexto, tanto aquelas que permanecem ou aquelas que deixaram o campo, tem idade entre 35 e 56 anos e são ou foram moradores do assentamento Liberdade no Futuro. Foram então entrevistados três jovens da época que ainda permanecem no campo e dois que nos dias de hoje moram na área urbana. A diferença no número de entrevistados/as se dá por motivos da dificuldade de acesso aos que hoje não vivem mais no assentamento.

Os/as jovens da época contam que o que mais os motivou e incentivou a permanecer no assentamento na época foi o histórico que havia com a terra, pois descendiam de produtores rurais desde a época de seus avós e bisavós. Contam

que o vínculo com a terra vem de berço, onde o fortalecimento e a paixão pela produção de alimento foram trabalhados desde as suas raízes. Quando se pergunta a Itacir o motivo pelo qual permaneceu, ele menciona que “Porque eu acho que vim de uma família de produtor, que sempre trabalhou na roça, acho que por isso fiquei aqui.” Outro relato semelhante vem de Adelar. Na mesma percepção, ele relata que permaneceu porque “um pouco acredito pela descendência do cara trabalhar com a terra, por gostar do trabalho, outro por pouco estudo, limita bastante.”

O pouco estudo acaba limitando o jovem de buscar a formação e até mesmo a informação, pois nos prendemos a um mundo onde nosso único objetivo é trabalhar para produzir, sendo que a evolução não para de crescer, e onde não aprimoramos nossos conhecimentos acabamos deixando de ganhar o aperfeiçoamento daquilo que fazemos. Conta Adelar “consegui estudar com apoio da família, em meio a muitas dificuldades econômicas, com bolsa do Creduc (Programa de Crédito Educativo) que paguei em longos anos depois da formatura”. Ainda nessa mesma trajetória de questionamentos, conta Marilene, quais eram os planos dela em relação ao futuro na juventude: “não tinha muita perspectiva, pois era muito jovem, só sabia que queria estudar, nem sabia direito o que, ser professora foi uma casualidade a qual criei gosto”. Um ponto relatado pela mesma é que teve que sair do assentamento para poder estudar. Logo após concluir a graduação retornou, mas por motivos pessoais teve que novamente abandonar o campo. Atualmente ela mora na cidade e trabalha como professora em escola do campo próximo ao assentamento onde vivia.

Muitos conseguiram, muitos abandonaram o campo, ou apenas saíram e retornaram para estudar, sendo que com muito incentivo da família conseguiam concluir, mas nem todos, mesmo com o incentivo conseguiram formação mais ampla. Esse foi o caso da Lucimari. Ela conta: “eu pensava em fazer uma faculdade, não consegui passar no vestibular, logo engravidei, ai acabei não fazendo. Pensava em agronomia pra ajudar o pai, porque tinha relação com o lugar que vivia.”

Ao questionar esses jovens da década de 1990, pergunto o que mais implicava na vida de jovem no campo. Para Adelar, um dos jovens entrevistados que deixou o assentamento, questiona muito o acesso, principalmente a situação das estradas encontradas no meio rural, o acesso até o assentamento. “A dificuldade em acessar a cidade (estradas ruins), a dificuldade do acesso à educação e o acesso à

saúde. O lote de terra distante e sem condições de construir uma moradia, pois não tinha acesso viável” (Entrevistado Adelar).

Apesar da má conservação das estradas, as vias de acesso ao assentamento, o jovem produtor encontra um grande dilema, pois quando faz com que seu produto chegue até o mercado consumidor, ele não chega nem a ser valorizado, então isso mexe com todo o equilíbrio de quem produz, pois sem uma fonte segura de renda o produtor não consegue se manter adequadamente. Menciona Lucimari em um trecho de sua entrevista o que acontece: “eu acho que as estradas péssimas pra chegar na cidade, que é a pior de todas, e a dificuldade financeira que não tá fácil. O produto do produtor não tá sendo valorizado. Não tem comércio, e quando tem pagam muito pouco.” Sendo que Adelir também contribui com essa informação, dizendo que: “eu acho que o mais ruim pro jovem são dois pontos pra mim: o financeiro e a distância com as condições das estradas.”

Quando perguntei a Itacir o que havia de ruim na década de 1990 em relação à vida de jovem, ele menciona que “é longe da cidade, não tinha recurso, não tinha estrada, não tinha nada, então nos dois ou três primeiros anos foi brabo.” Se nos dias de hoje, os recursos aos jovens são limitados ou muitas vezes não existem, naquela época a situação encontrava-se muito pior. Jovens da época estavam praticamente da estaca zero, onde o seu sustento dependia de migalhas oferecidas pelo governo ou terceiros, isso implicava ainda mais no desenvolvimento pessoais daqueles jovens da época.

Quando questionei o que deveria ser feito para que o jovem permaneça no campo, Itacir ressalta “eu acho que seria mais o incentivo, tanto municipal, estadual e federal, acho que incentivo pro jovem ficar no campo, formação pro jovem fica no campo.” Adelir complementa nesse mesmo contexto: “Eu acho que a primeira tem que ter apoio das políticas sociais, pra tu incentivar a produzir, comercializar e ter como viver financeiramente, e as estradas, o acesso é ruim”. O incentivo ao jovem tem que ser interno, onde a família o motiva a continuar o trabalho já realizado, mas para que isso aconteça as condições a esses jovens ou novos jovens devem ser devidamente dadas, pois seus pais não irão querer que os filhos encontrem caminhos difíceis, os quais eles já traçaram ao decorrer de suas vidas.

Quando perguntei os motivos pelos quais abandonaram o campo, Adelar e Marilene descrevem o que os levou a sair. Adelar diz: “Inicialmente saí do assentamento para promover a defesa dos trabalhadores rurais que lutavam pela

posse da terra e a oportunidade de trabalho surgiu em outros Estados da federação, o que acabou por me distanciar do assentamento Cerro dos Munhoz. Este distanciamento gerou cobranças do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e seguidas notificações, quando decidi transferir o lote para uma de minhas irmãs. Saí também para conseguir dinheiro para pagar as dívidas contraídas durante a faculdade, especialmente do Creduc (Programa de Crédito Educativo). Ainda, tinha interesse em conhecer mais o Brasil e seu povo.” Já Marilene dá outra resposta do motivo pelo qual saiu: “Na verdade eu sai porque me separei, casamento de 23 anos e a opção que tive vim morar na cidade, deixei o lote para ele, como tinha meu salário achei melhor sair.”

Questionados se houve arrependimentos, ambos expõem reações diferentes, pois levando em conta o histórico de cada um dos dois, o porquê saíram e de como hoje estão estabelecidos nova vida em que levam, houveram respostas diferentes. Adelar diz: “não cheguei a me arrepender, embora tenha encontrado dificuldades em determinadas situações. No entanto, consegui alcançar meus objetivos.” Já para Marilene:

É a vida na cidade é mais difícil, me arrependo por esse motivo. A vida é mais cara, mais difícil. Pago aluguel, não consigo produzir, tenho que comprar tudo, nesse sentido é bem mais difícil. Poderia ter ficado, em outra casa, pois o custo seria menor, e é próximo de onde trabalho, facilitaria muito, vida mais saudável, alimentação (Entrevistada Marilene).

Já quando perguntei aos entrevistados se os mesmos retornariam, se sentiam vontade de voltar ao ambiente de origem, as respostas foram parcialmente diferentes, pois os motivos pelos quais saíram foram diferentes e os caminhos escolhidos também. Adelar diz que “Infelizmente não. Depois de 20 anos longe do assentamento, estudando e trabalhando acabei me estabilizando no Distrito Federal.” Já Marilene diz “sim, traz tranquilidade maior, uma vida mais saudável, com certeza, pretendo voltar morar no campo.”

Apesar das dificuldades encontradas pelos jovens assentados da época, que ao decorrer do tempo foram deixando ou permanecendo no campo, foi então perguntando o que tinha de bom na vida de jovem no assentamento, e os cinco entrevistados deram seus relatos. Adelar, que hoje já não vive mais no assentamento, conta que “a vida familiar, a amizade e convívio em sociedade, a liberdade, vida no campo, o trabalho, o bem estar, segurança econômica (embora

pequena) e segurança contra violências” são pontos benéficos para quem vive no meio rural. Marilene, outra jovem que ao decorrer da sua vida deixou o campo, relata que “era uma vida tranquila, sem maiores problemas, então a gente buscava viver em comunidade, isso era importante, pois não tinha muito esporte ou lazer, então criava isso na própria comunidade, os jovens da época se organizavam para bailes e jogos de futebol, qualquer coisa era motivo para se reunir pra dança, pra jogar, era o que nos divertia no assentamento, onde nós mesmos organizávamos.”

Em relação aos jovens da década de 1990 que ainda permanecem no assentamento, também foram coletados relatos em relação ao que tem “de bom” na vida de jovem rural. Itacir diz que “era bom, era jovem, nós gostávamos da terra, porque nós vínhamos da terra. Meu pai tinha terra, então gostava da terra, por isso fiquei”. Adelir, na mesma contextualização, diz, “olha, se tu reparares, tem várias coisas, a gente não tinha nada, a gente começou a ter algo, a criar algo, principalmente às amizades as batalhas, tudo junto né, que o sofrimento era todo mundo junto”. Brincando com a triste realidade, ele ressalta: “parece que até o sofrimento era divertido, era em grupo.” Já Lucimari ressalta a relação do campo, “a tranquilidade é boa, eu gosto de morar aqui, não sei o que é bom ou não, as pessoas se conhecem, se dão bem, não tem aquela coisa da cidade que as vezes não dizem bom dia pro vizinho”.

4.4. A DECISÃO DOS (AS) JOVENS DO CAMPO DA GERAÇÃO ATUAL: SAIR OU FICAR

Nesse contexto foram entrevistados/as seis jovens, sendo três que ainda permanecem de alguma forma no assentamento, onde uns estudam fora mas ainda residem na localidade juntamente a seus familiares, e 3 jovens que saíram de lá procurando uma condição de vida diferente daquela que era oferecida para eles. Os entrevistados se encontram no município de Santana do Livramento, onde são pertencentes ou foram do assentamento Liberdade no Futuro. Esses/as jovens têm atualmente entre 16 e 29 anos.

Quando se trata do porque os/as jovens ficaram ou saíram, os motivos são basicamente os mesmos, de quem ficou ou de quem saiu, variando conforme cada realidade. Hoje nos deparamos com o meio rural com o progresso muito mais avançado, sendo no meio da tecnologia, de transporte, acesso, acesso à informação

ou saúde, entre outros meios, do que na década de 1990, pois hoje cada jovem tem acesso aos meios de comunicação, tem seu meio de transporte. Porém buscamos entender o porquê desses/as jovens, hoje com uma realidade mais acessível, mesmo assim escolhem abandonar o meio de origem, e também o que motiva aqueles/as que ainda permanecem.

Aqueles/as que ainda permanecem, usam como uma espécie de âncora para seguir no campo seus familiares, seus amigos, o vínculo que foi criado no convívio com a comunidade ali presente. Quando perguntei a Rafael o porquê ele permaneceu no assentamento, o mesmo diz que “morar junto com os pais, consigo serviço bom, é uma vida boa, não precisa pagar aluguel e outras coisas”. Quando questionei se os familiares e vizinhos influenciaram na permanência dele, ele então responde: “A sim, todos os amigos ajudam um ao outro”.

Percebe-se que o ciclo social desses/as jovens, onde alguns não encontraram ainda seus caminhos, quando moram com os pais, eles se sentem seguros em fazer parte daquele meio, daquele ambiente, o qual onde foram criados. Rafael menciona de como é morar no campo, o que tem de bom na vida de jovem no campo: “aqui é bom, pode fazer tudo quanto é coisa, na cidade não é bem assim, é tranquilo na campanha”.

Fica nítido que o convívio social, a interação, a relação dos jovens com os demais facilitam e fortalecem a permanência no campo. Nesse contexto, Rodrigo ressalta quando perguntando o que tem de bom na vida do jovem no campo, ele diz: “Destaco os vínculos de amizades que são extremamente fortes, liberdade, segurança e qualidade de vida”.

A família é de suma importância para influenciar, para incentivar o jovem a seguir no campo, mas não apenas o ciclo familiar, mas também vizinhos e amigos, aqueles que apoiam, aqueles que ajudam, como Rafael mesmo mencionou onde a ajuda é mútua. Apesar do trabalho não ser mais de forma coletiva, o pensar, estender a mão para o próximo ainda funciona de certa forma coletivamente.

Os/as jovens que ainda se encontram no assentamento, devem ser usados como exemplos para atrair os que hoje não estão mais lá. Hoje, apesar das dificuldades ainda encontradas, é muito mais fácil se tiver força de vontade desses/as jovens e ações governamentais que incentivem a permanência. Fica visível que hoje, comparando com a década de 1990, as condições são muito melhores. Quando perguntei isso a Junior, um dos entrevistados, ele então

responde: “sim, hoje estamos mais estruturados o que facilita o trabalho, além de ser mais fácil a acessibilidade à cidade e aos mercados para venda dos produtos”. E quando questionei a ele mesmo sobre o que poderia ser melhorado, então ele destaca: “ter mais incentivos para elevar a geração de renda, o que melhora as condições de vida e eleva a autoestima das pessoas”.

Apesar de hoje termos esses jovens que ainda residem no assentamento, lamentavelmente tiveram abandonos, os quais são crescentes ao passar dos anos. Quando tratamos de ações governamentais, influências através de políticas públicas para a permanência dos jovens que ainda estão lá, ou até mesmo o resgate de quem já saiu, isso deixa a desejar, pois cada vez mais deixam de investir em nossos jovens rurais.

Quando questionei o motivo do êxodo aos jovens que hoje moram na área urbana, esses mencionam a falta de oportunidade, de emprego, acesso à informação e à formação. Quando questionado a Elton o que o levou a sair do assentamento, ele responde: “falta de emprego e não tem muito recurso no lote”. Apesar do baixo, ou quase nada investimento no campo, principalmente para os jovens, muitos desses ainda moram com seus pais, o acesso à terra nos dias de hoje se tornaram mais difíceis, pois a reforma agrária, o movimento Sem Terra perdeu forças, principalmente pela falta de incentivo, de investimento nos jovens, seja de fonte externa e até mesmo interna.

Quando perguntei aos jovens que vivem na cidade se voltariam a viver no assentamento, a maioria disse que não voltaria. Quando questionados Lucas e Carla dizem que não retornariam, já Elton tem a vontade de voltar para suas origens. Lucas diz que “não, porque tenho minha casa própria, tenho uma estabilidade no meu emprego e vou começar a estudar na área em que eu pretendo”. Carla também menciona que “não voltaria, pelo menos não nas atuais circunstâncias: Já pensei várias vezes, quando aperta, quando bate o sufoco, mas não, não tem como, se mudasse alguma coisa lá, sim”. Já Elton, com um olhar mais seguro de sua vontade, talvez pela diferença da sua realidade em relação aos outros entrevistados, diz que “se tivesse recursos para voltar, a minha vontade era de voltar”.

No contexto debatido até aqui é muito claro a falta do incentivo, de ações governamentais em relação ao campo, isso atinge principalmente os/as jovens, aqueles que devem ser motivados a permanecer no campo, pois a continuidade depende inteiramente dele/as. Quando questionado e debatido com os jovens

entrevistados a questão governamental, principalmente políticas públicas, os relatos foram praticamente os mesmos.

Em relação aos jovens que ainda permanecem, Rafael menciona o abandono do governo em relação aos jovens: “olha, o governo acho que não está nem aí pro jovem do campo”. Junior se sente desmotivado, pois descredita das ações governamentais, o mesmo diz: “pouco ou quase nenhuma”. Rodrigo segue o mesmo caminho e ressalta que são “inexistentes, pois os jovens estão totalmente desamparados pelo governo”.

Quando ainda questionando sobre ações governamentais, ficam os relatos de quem hoje não permanece mais no campo. Lucas relaciona de certa forma a falta de interesse do governo com o abandono, menciona: “acho que por mais que haja um esforço, ainda é muito fraco as ações de valorização dos jovens do campo. Pois se nada for feito, cada vez mais vai acontecer essa mudança do campo para a Cidade”. Para Elton, o foco principal está na liberação de projetos, aqueles que auxiliarão para a permanência do jovem: “liberar projetos para investir, falta de incentivos”. Já Carla demonstra sua indignação, pois o que ela mais queria para sua vida era permanecer no campo, não tendo que migrar para área urbana: “tá uma porcaria, não tem nada, não vejo nada, ainda mais no governo atual. O que se tinha era por meio do MST (Movimento Sem Terra), no demais não tem nada”.

Tanto para quem saiu, como para quem ainda permanece, a visão sobre governo, sobre políticas públicas e seus investimentos no campo são basicamente a mesma, pois todos almejam uma vida digna, onde possam de alguma forma tirar seu sustento de forma independente, sendo que infelizmente, na atual situação não tem espaço para todos/as.

Quando questionado aos/às jovens, tanto os/as que saíram quanto os/as que ficaram, se preferiam a vida no campo ou na cidade, foi então obtido que por unanimidade a vida no campo é muito melhor. Rafael, que ainda permanece no campo menciona que: “a não, prefiro no campo, muito melhor. Em relação aos jovem de 1990 não tinha nada, não tinha estrada, não tinham carro, não tinham nada, hoje tem tudo”. Já quando questionado a Carla se ela gosta da vida na cidade, ela responde: “não gosto, prefiro morar lá, pelos amigos, pela família, me vejo mais morando lá do que na cidade, mas na cidade é perto, o acesso é melhor, quando precisa de algo tem perto”. Então se presume que mesmo com a vida sendo melhor

no campo, fica em questão o que por muitos/as jovens é colocado na balança na hora da decisão a principal questão que é o acesso.

Buscando entender quais são as perspectivas de vida para quem ainda permanece no campo, foram questionados aos/às mesmos seus projetos de vida, o que esses/as jovens que ainda resistem ao sistema destrutivo da nossa base juvenil do campo planejam para seguir lutando.

Rafael em relação à sua perspectiva no campo menciona: “olha, ter meu próprio lote, ter minha casa, meus animais”. Junior tem uma visão diferente, porém ainda visa a permanência: “gostaria de montar meu escritório de assistência técnica, e trabalhar com a agricultura familiar”. Hoje, no ano de 2019, Junior está se formando no curso de Agronomia, visando aplicar seus conhecimentos em suas origens. Rodrigo na mesma linha de pensamento ressalta seu projeto de vida para o futuro: “depois que me formar, pretendo abrir uma empresa de assistência técnica com foco na bovinocultura de leite. E pensando mais pro futuro, quando estiver com uma vida financeira estabilizada, quero fazer um trabalho comunitário com os produtores do meu assentamento propiciando uma assistência técnica de qualidade e sem custo para o agricultor, possibilitando o seu desenvolvimento na região”. Rodrigo cursa medicina veterinária e, após certa estabilidade financeira, visa auxiliar aqueles que fazem parte de sua história.

Na mesma época que nossos pais chegaram, quando ainda jovens, usaram o que entendo como a melhor forma de produzir alimento e suprir toda a demanda do município de Santana do Livramento, a organização coletiva. O trabalho em grupo perdeu essa essência de trabalhar em cooperativismo, onde o individualismo criou forças graças à ganância de alguns, e isso não é difícil. Cabe a nós, novas mentes, jovens do rural, assentados ou filhos de assentados, colocarmos em prática essa organização coletiva e chamar o mercado até nós, pois somos responsáveis por 70% da produção de alimentos no Brasil, conforme dados do Censo Agropecuário (2006).

4.5. RUPTURAS E CONTINUIDADES NO PROCESSO DE SUCESSÃO

Hoje a palavra sucessão é muito questionada e debatida, tanto por leitores/as, escritores/as, ainda mais pelas famílias e os/as jovens do campo. O papel sucessor

é dar continuidade ao trabalho já exercido, no caso a produção e a reprodução social, pois nem só do trabalho vivem as pessoas.

A sucessão possibilita a continuidade na agricultura familiar, fazendo com que as novas gerações permaneçam no campo. Dando continuidade ao trabalho já exercido, evita também que ocorra o envelhecimento do campo, pois se os/as jovens saírem a procura de novos horizontes, quem terá que seguir o que já vem sendo feito são os mais velhos. Uma hora, se seguir nesse ritmo, a população do campo deixará de existir, então é nosso papel, como sociedade, principalmente sociedade rural reverter esse papel.

Além de motivos referentes a governo, saúde, educação, acesso à informação ou a formação, outro ponto de suma importância que em alguns casos pode influenciar na saída do jovem do campo são os conflitos internos, os novos jovens buscando ocupar seu espaço em uma sociedade rural, enquanto a questão da autoridade, onde o mais velho, por vez o pai, é quem toma as decisões na propriedade.

Quando questionei aos/às entrevistados/as, tanto da década de 1990 quanto dos anos 2000 se houve ou ainda existem conflitos internos, ou seja, pais com seus filhos na tomada de decisão, nos deparamos com situações contraditórias aos materiais bibliográficos encontrados, o que acontecem são divergências em relação às decisões, porém sempre entrando em consenso. Mas sabe-se que existem casos, pois eu, como jovem rural, ao decorrer de toda a minha vida já presenciei casos de onde jovens deixaram a vida no campo por questões de conflitos familiares, nas decisões e no uso da terra.

Quando questionado a Adelir sobre os conflitos gerados dentro da propriedade, ele responde: “não, acho que alguma discordância sempre tem, mas nada além das ideias diferentes”. Quando falamos dessas “discordâncias”, isso se trata pela seguinte questão de que nos deparamos com duas gerações diferentes, a forma de pensar é totalmente diferente, por isso sempre haverá algum conflito.

Em relação a permanência dos filhos no campo, muitos apoiam que seus filhos permaneçam, alguns, mesmo muito jovens demonstram interesse pela terra, pois o vínculo formado vem de berço e é fortalecido ao decorrer da vida. Pois, quando questionado a Itacir o que ele acha em relação a permanência de seus filhos no campo, ele diz, “mas olha, isso é opinião deles, se tiver como ficar no campo, se

não tiver têm diversos novos caminhos. Eu prefiro que fiquem no campo, mas do jeito que tá, não sei se vão aguentar”.

Nesse mesmo contexto, quando questionado a Adelir em relação a permanência de seus filhos, o mesmo rebate na tecla já questionada nesse trabalho, pois julga a falta do comprometimento das ações governamentais para que os jovens, seus filhos e os demais permaneçam no campo:

Olha, eu acredito que se tiver uma política que incentiva, que faz gera tanto o salário e bem estar, eu acredito, eu concordo que tenham que ficar, mas tem que melhora, porque do jeito que a gente vive, trabalha sábado, domingo, dia de chuva, frio, tudo. Então precisa entrar mais dinheiro pra incentivar, além do dinheiro o acesso, sempre tá o acesso né (Entrevistado Adelir).

Fortalecendo o debate em relação a permanência dos que ainda enfrentarão esse dilema de ser jovem do campo, Lucimari questiona o valor agregado ao produto:

Às vezes que penso que sim, as vezes penso que não, eu queria que eles permanecessem aqui, mas queria que fosse mais valorizado o serviço deles, não que nem nós tiramos leite e ganhamos noventa e pouco centavos o litro e tu vai compra no mercado tá três ou três e pouco, quase quatro um litro, que fossem valorizado e incentivado o jovem ficar, eu queria que os meus ficassem (Entrevistada Lucimari).

Todos/as os/as jovens dos anos 2000 entrevistados/as ainda não têm filho, pois são ainda muito jovens e procuram uma estabilização na vida para então depois pensar em constituir família, porém com uma visão futura foi questionado se quando tiver seus filhos, se a vontade é de que eles permaneçam no campo, e com unanimidade todos ressaltam que existe a preferência da permanência no campo, até mesmo daqueles que hoje não residem mais no campo. Ressaltando que apesar da vontade dos mesmos de que seus filhos permaneçam, mudanças deverão ser feitas, para melhor qualidade de vida.

Como já tratado no trabalho em questão, a vida do jovem do campo é muito limitada, pois o trabalho disponível é praticamente em função da produção agrícola, sendo que apenas em alguns casos isolados a fonte de renda vem de meios externos. Se a subsistência do rural, do jovem rural é baseada na produção agrícola, se o valor agregado a aquele produto for pequeno, onde quando levado ao mercado

seu valor se torna duplicado ou até triplicado, como o produtor ou o jovem produtor consegue se manter no campo, quando seu produto é desvalorizado.

Quando se trata ainda da limitação já mencionada, Carla ressalta ainda mais esse ponto quando perguntado o que tinha de ruim na vida do campo, sendo que a mesma já não mora mais lá: “o que prejudica o jovem não tem muito o que fazer, a não ser o trabalho já feito pelos pais, eles acabam querendo algo diferente pra ti, então acho que no assentamento deveria ter outras formas de trabalho, e não só trabalho, mas também de lazer”.

Através dessa pesquisa realizada com assentados e filhos de assentados, fica nítida a preferência desses/as jovens pelo campo, pois a vida é mais tranquila, o convívio social é mais gratificante, onde você produz o que comer, onde a interação com o vizinho é mais aberta, pois estamos mais tranquilos, mais seguros.

Porém o/a jovem, apesar da preferência pelo campo busca sua estabilidade financeira. Ele/a quer ser independente, ter a sua vida, constituir a sua família e ter o seu espaço, como diz Rodrigo um dos entrevistados:

Na maioria dos casos a evasão do jovem do campo para a cidade se dá por motivos financeiros, onde esses jovens vão em busca de uma independência financeira, portanto creio que se as famílias encontrassem uma forma de fazer uma divisão dos lucros advindos da propriedade, isso faria com que esses jovens permanecessem no campo e também asseguraria uma sucessão da propriedade dando assim continuidade no trabalho que seus pais desenvolveram.

O papel de sucessão, como já debatido na revisão bibliográfica, menciona que definitivamente é exercido pelo mais velho, no caso de Junior, onde conta que tem mais três irmãos, todos mais velhos. A mais velha casou e mora em outro município, e os outros dois irmãos mais velhos, um mora na área urbana de Santana do Livramento e o outro retornou após algum tempo, após casado para junto de sua família, sendo assim o lote se tornou pequeno: “eu sempre quis continuar morando no campo, mas hoje prestes a me formar, acredito que não seja viável eu continuar no lote sendo que meu irmão já está lá, acho que o lote de lá não tem área suficiente para gerar renda para nos dois” (Entrevistado Júnior).

Quando questionado aos/às jovens da atualidade, os quais ainda permanecem no campo se gostam de fazer parte da reforma agrária, Junior e Rodrigo respondem:

[...] sim, tenho muito orgulho de ser assentado da reforma agrária, por saber de toda a história de luta e dificuldades que meus pais junto muitos outros agricultores passaram para ter uma possibilidade de ganhar uma terra para trabalhar e garantir um futuro digno para suas famílias (Junior).

[...] não sou assentado, no entanto nasci e cresci no campo, e sempre gostei dessa vida no campo, por motivos de vínculos familiares e laços de amizades e principalmente por ter uma qualidade de vida melhor em relação a quem vive na cidade (Rodrigo).

O amor pelo campo e a gratificação de morar nele é nítida nessa pesquisa através dos depoimentos obtidos desses/as jovens, pois o apreço a vida que levam é grande e o agradecimento de como a reforma agrária foi de suma importância para que chegassem até onde estão hoje é muito grande.

Hoje, nós jovens do campo somos quem devemos dar continuidade, através do sistema já exercido, mas sempre buscando aperfeiçoar de uma forma ou de outra. Precisamos buscar trazer para dentro do campo da agricultura familiar o conhecimento externo, pois assim fortalecemos o estilo de produção que é a anos trabalhados como base nos assentamentos da reforma agrária.

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESENVOLVIMENTO GERIDO POR JOVENS COMO POSSIBILIDADE

No contexto trabalhado nessa pesquisa podemos ver as dificuldades, as barreiras e os aspectos negativos que esses jovens, ou não mais tão jovens, têm até hoje que enfrentar na atual realidade. Podemos abordar de uma forma simples e através de conversação seus relatos, suas histórias, para então avaliar se houve ou não desenvolvimento no campo, mais especificamente no assentamento Liberdade no Futuro, onde se encontram os/as jovens e aqueles que já de certa forma saíram do campo.

Os/as jovens, tanto aqueles/as da década de 1990 e os anos 2000 entram em consenso em relação a quais as principais dificuldades encontradas na vida que o/a jovem leva no campo, sendo elas o difícil acesso, as estradas que dão acessibilidade ao assentamento estão praticamente abandonadas pelos órgãos responsáveis. Outro grande impasse é a fonte de renda para que o/a jovem consiga sua independência, principalmente a financeira, pois quem permanece luta por isso e quem já abandonou a vida no campo foi em busca dessa conquista.

Muitos/as jovens relatam que no campo a única fonte de renda encontrada é a agropecuária, pois em raros casos a renda era recorrente de trabalho não agrícola. A pluriatividade é algo buscado insistentemente pelo/a jovem, pois muitos saem do campo para estudar e regressam após alguns anos, sendo que a intenção dos mesmos nada mais é do que aplicar a sua formação acadêmica em sua propriedade.

Jovens de hoje questionam a falta de políticas públicas, aquelas que incentivem o jovem a permanecer, que auxiliem na produção, dando melhores condições de vida e possibilitando para que o mesmo procure seu espaço dentro de um ambiente ainda em construção. Aqueles/as que foram jovens a mais tempo, da década de 1990 que foram entrevistados/as mencionam em relatos que, aquilo que foi adquirido nesses últimos 28 anos de assentamento, foi praticamente por seus trabalhos exercidos, pois as ações governamentais eram mínimas, apenas um suporte para breve início, sendo que o desenvolvimento vinha do trabalho braçal ali realizado.

Outro fato que implica muito no desenvolvimento desse/a jovem rural é a valorização da produção, pois o mercado externo cada vez mais prejudica aquele

que produz alimento. Hoje, praticamente toda a produção está vinculada com a compra de insumos e materiais de trabalho em geral, aumentando o custo de produção e diminuindo conseqüentemente o lucro daquele que o produz. Outra grande influência no preço é o mercado que compra o produto, pois ele desvaloriza o mesmo, pois até mesmo nos resultados da presente pesquisa é mencionado referente ao leite, pois quando é produzido a noventa centavos reais um litro de leite, na hora da compra se encontra a três reais ou mais.

Ainda sobre a produção de alimento, entra também a competição do mercado local com o mercado externo, aquele mercado de outros estados e em alguns casos, de alguns produtos, até mesmo de outros países. Mas vale lembrar que existe uma desorganização local dos produtores assentados, pois quando no início do assentamento, o trabalho inicial era em grupo, onde todos trabalhavam juntos, produzindo de forma coletiva e comercializando de forma coletiva. Isso dá força ao/a produtor/a, pois ele/a ganha aumento na produção, consegue abastecer o mercado local e conseqüentemente aumentando a sua renda.

Em conversas com alguns/mas entrevistados/as, mediante a seus relatos podemos perceber que o trabalho em grupo fica um pouco a desejar, pois apesar da boa relação coletiva no assentamento existem desacordos, os mesmos relatados em relação a sucessão da terra, pois tratamos de elementos diferente, ideias diferentes e isso causaria desunião do grupo.

Uma ideia foi mencionada por mim entre os/as produtores/as, principalmente aqueles/as mais jovens, os/as quais buscam os mesmos ideais, constituir sua independência e ter a liberdade financeira que tanto almejam. A ideia inicial seria dentro desse grupo inteiro que é formado pelo assentamento criar subgrupos de produção, através de familiaridade entre indivíduos, buscar produzir através de escalas planejadas por cada subgrupo, onde cada um forneceria alguns alimentos, sendo assim, na hora de comercializar o produto teria mercado, pois a demanda em caráter individual para abastecer mercados, feiras, entre outros receptores não seria obtida, isso de forma individual. Essa seria uma das possibilidades para o desenvolvimento local, sem precisar o abandono do/a jovem do campo, migrando para a área urbana, pois diminuiria o abandono e evitaria conseqüentemente o envelhecimento rural. Assim, através desse caminho, acredito que precisamos apostar em alternativas de desenvolvimento geridas por jovens nos assentamentos.

Este trabalho foi realizado, através de duas gerações, duas realidades diferentes, porém não muito distantes, para que o leitor possa conhecer a realidade do/a jovem rural, saber a real situação que se passa em assentamentos da reforma agrária, pois onde quem é responsável por produzir seu alimento não é, ou poucas vezes valorizado. O mesmo servirá para que autoridades tomem consciência do que o campo necessita, e como os assentamentos necessitam de uma visão mais interna das ações governamentais, pois a grande potência de produção não está em multinacionais, quem produz alimento e de qualidade é a reforma agrária e quem dará continuidade a esse trabalho são os/as jovens que ainda ali resistem.

Hoje os jovens rurais relatam que a influência de questões sociais na permanência é muito relativa, pois muitas pessoas próximas a eles buscam uma melhoria de vida. Alguns insistem no incentivo à permanência desses jovens no rural para que não ocorra o envelhecimento naquele estabelecimento. Por outro lado, muitas pessoas próximas, geralmente os pais, buscam alternativas de vida diferentes da que eles já conhecem, almejando que seus filhos tenham estilo de vida diferente, menos sofrido e mais rentável, sejam monetariamente ou no aspecto qualidade de vida.

A relação do abandono desses jovens com o sistema produtivo e a reprodução social fica nitidamente visível, a começar pelo envelhecimento da população rural, diminuindo os integrantes constituintes daquele sistema e diminuindo por consequência a força de trabalho.

Na atual realidade fica nítida a importância do/a jovem rural nos assentamentos de reforma agrária, pois é quem dará continuidade ao trabalho do campo, quem irá dar sequência ao que já vem sendo exercido nesse sistema produtivo, aquele que produz alimento, aquele que gere uma pequena propriedade visando o aspecto de alimento saudável e de boa procedência. Hoje talvez não esteja clara essa perspectiva na cabeça dos/as próprios/as jovens, pois cabe a eles/as a continuidade desse trabalho. É de responsabilidade do/a mesmo/a dar esperança a um sistema que por muitos já foi esquecido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, F. S.; CALDAS, N. V. O futuro ameaçado: o mundo rural face aos desafios da masculinização, do envelhecimento e da desagrarização. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 661-694, jun. 2005.

BRASIL. **Lei 12.852/2013, de 05 de agosto de 2013**. Estatuto da Juventude. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em 20 out. 2019.

BRUMER, A. **A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade**. En Carneiro, M. J., & Castro, E. G. de. *Juventude Rural em Perspectiva* (pp. 35-52). Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CASTRO, E. G. As Jovens rurais e a reprodução social das hierarquias: relações de gênero em assentamentos rurais. In: FERRANTE, V. L.; MHITAKER, D. C. A. (Org.). **Reforma Agrária e desenvolvimento: desafios e rumo** Das da política de assentamentos rurais. Brasília/ São Paulo: MDA/UNIARA, 2008, p.112-130.

CASTRO, A. M. G.; LIMA, S. M. V., Sarmiento, E. P. de M., & Vieira, L. F. (2013). **Juventude rural, agricultura familiar e políticas de acesso a terra no Brasil**. Brasília, MDA.

CASTRO, E.G. **Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. 1ª edição – Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013. 432 p.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. (jul./dez. 1998) **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos**. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 15, No. 2, 45-66.

CARNEIRO, M.J; CASTRO, E.G. **Juventude rural em perspectiva**. 1ª edição – Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. 311 p.

COSTA, C.; CAMARERO, L. Desafios para a sustentabilidade social: contornos demográficos do espaço rural brasileiro. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 7, n.2, 2017.

CHAMPAGNE, P. Ampliação do espaço social e crise da identidade camponesa. **Cahier d'Economie et Sociologie Rurales**: P. Champagne; tradução e notas: Anita Brumer. n. 3, p.73-89,1986.

CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude rural em perspectiva**. RJ: Mauad X, 2007.

COSTA, C. **Fortalecimento da Juventude nos Assentamentos de Reforma Agrária em Santana do Livramento/RS**: Pesquisa e ação. Projeto de pesquisa submetido à CHAMADA MCTI/MDA-INCRA/CNPq n.19/2014, 2014. Documento não publicado.

FERRON, J.L. **Estratégias de reprodução social dos agricultores familiares assentados em Santana do Livramento, RS**, 2019. 163 f. Dissertação (Curso de Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Pampa. Título de Mestre em Administração, Santana do Livramento, 2019.

GOODMAN, D. et al. **Da lavoura as biotecnologias**: agricultura e indústria no sistema internacional. Tradução Carlos Eduardo Baesse de Souza e Carlos Schlottfeldt. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 out. 2019.

IBGE. **Censo Demográfico 2006**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 out. 2019.

LIMA, C.A. **Campesinato, gênero e sucessão: as estratégias das moças para permanecerem no campo**. 43 p. Santana do Livramento, 2019.

MARIN, J. O. B.; FROEHLICH, J.M. **Juventudes rurais e desenvolvimento territorial**. 1ª ed. Santa Maria: UFSM, 352 p., 2019.

SPANAVELLO, R.M. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**. 2008. 236 f. Tese (Faculdade de Ciências Econômicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2008.

STROPASOLAS, V.L. **O valor do casamento na agricultura familiar**: Revista Estudos Feministas vol. 12, n. 001, p.253-267, 2004.

TROIAN, A. **Percepções e projetos de jovens rurais produtores de tabaco de Arroio do Tigre/RS**. 2014. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTÕES PARA JOVEM NA GERAÇÃO ATUAL QUE CONTINUA NO ASSENTAMENTO

1. Nome
2. Idade
3. Assentamento
4. Grau de escolaridade
5. Tem lote próprio?
6. Com quem vive?
7. Principais atividades agropecuárias do lote
8. Tem outra fonte de renda?
9. Em relação a sua família, havia ou houve conflitos em relação as decisões tomadas na propriedade?
10. Quais aspectos negativos o êxodo causou na região em que vive?
11. Quais foram os principais motivos do abandono da zona rural para a zona urbana no seu ponto de vista?
12. O que tem de bom na vida de jovem no assentamento?
13. O que tem de ruim na vida de jovem no assentamento?
14. Em algum momento da sua vida pensou em abandonar o campo? Se sim, por quê?
15. Por que você permaneceu no campo?
16. Qual é o seu projeto de vida? Ou seja, o que você quer para seu futuro?
17. As relações com familiares e amigos/vizinhos no assentamento influenciaram a sua permanência? Por quê?
18. Você gosta de ser assentado da reforma agrária? Por quê?
19. Você considera que houve melhorias na vida no campo nos últimos anos?
20. O que acha que pode ser melhorado para que os/as jovens permaneçam no campo?
21. O que você acha das ações do governo (municipal, estadual e federal) para fortalecer a permanência de jovens no assentamento?
22. Você tem filhos?
23. Você acha que seus filhos devam permanecer no campo?

24. Seus filhos têm o interesse em dar continuidade ao seu trabalho ou permanecer no campo?
25. Hoje, na atual realidade, você trocaria a vida que leva no campo pela vida na cidade?

APÊNDICE B - ROTEIRO PARA JOVEM NA GERAÇÃO ATUAL QUE MIGROU PARA A CIDADE

1. Nome
2. Idade
3. De qual assentamento
4. Grau de escolaridade
5. Onde vive hoje?
6. Quando veio morar na cidade?
7. Com quem vive?
8. Com o que trabalha?
9. Tem casa própria?
10. O que tinha de bom na vida de jovem no assentamento?
11. O que tinha de ruim na vida de jovem no assentamento?
12. Por que você saiu do assentamento?
13. Alguma vez você se arrependeu dessa decisão?
14. Qual era o seu projeto de vida? Ou seja, o que você queria para seu futuro quando saiu do assentamento?
15. As relações com familiares e amigos/vizinhos no assentamento influenciaram a sua saída? Por quê?
16. Você gosta da vida na cidade? Por quê?
17. O que acha que pode ser melhorado para que os/as jovens permaneçam no campo?
18. Você tem filhos?
19. Hoje, na atual realidade, você trocaria a vida que leva na cidade pela vida no campo? Por quê?
20. O que você acha das ações do governo (municipal, estadual e federal) para fortalecer a permanência de jovens no assentamento?

APÊNDICE C - ROTEIRO PARA PESSOAS QUE ERAM JOVENS NA GERAÇÃO 1990 E QUE CONTINUAM NO ASSENTAMENTO

1. Nome
2. Idade
3. Assentamento?
4. Grau de escolaridade
5. Tem lote próprio?
6. Com quem vive?
7. Principais atividades agropecuárias do lote?
8. Tem outra fonte de renda?
9. Em relação a sua família, havia ou houve conflitos em relação as decisões tomadas na propriedade?
10. Quais aspectos negativos o êxodo causou na região em que vive?
11. Quais foram os principais motivos do abandono da zona rural para a zona urbana no seu ponto de vista?
12. O que tinha de bom na vida de jovem no assentamento nos anos 1990?
13. O que tinha de ruim na vida de jovem no assentamento nos anos 1990?
14. Em algum momento da sua vida pensou em abandonar o campo? Se sim, por quê?
15. Por que você permaneceu no campo?
16. Na década de 1990 qual era o seu projeto de vida? Ou seja, o que você queria para seu futuro?
17. As relações com familiares e amigos/vizinhos no assentamento influenciaram a sua permanência? Por quê?
18. Você gosta de ser assentado da reforma agrária? Por quê?
19. Você considera que houve melhorias na vida no campo nos últimos anos?
20. O que acha que pode ser melhorado para que os/as jovens permaneçam no campo?
21. O que você acha das ações do governo (municipal, estadual e federal) para fortalecer a permanência de jovens no assentamento?
22. Você tem filhos?
23. Você acha que seus filhos devem permanecer no campo?

24. Seus filhos têm o interesse em dar continuidade ao seu trabalho ou permanecer no campo?
25. Hoje, na atual realidade, você trocaria a vida que leva no campo pela vida na cidade?

APÊNDICE D - ROTEIRO PARA PESSOAS QUE ERAM JOVENS NA DÉCADA DE 1990 E QUE MIGRARAM PARA A CIDADE

1. Nome
2. Idade
3. De qual assentamento
4. Grau de escolaridade
5. Onde vive hoje?
6. Com quem vive?
7. Com o que trabalha?
8. Tem casa própria?
9. O que tinha de bom na vida de jovem no assentamento?
10. O que tinha de ruim na vida de jovem no assentamento?
11. Por que você saiu do assentamento?
12. Alguma vez você se arrependeu dessa decisão?
13. Qual era o seu projeto de vida nos anos 1990? Ou seja, o que você queria para seu futuro quando saiu do assentamento?
14. As relações com familiares e amigos/vizinhos no assentamento influenciaram a sua saída? Por quê?
15. Você gosta da vida na cidade? Por quê?
16. Para você, como é ser assentado da reforma agrária?
17. O que acha que pode ser melhorado para que os/as jovens permaneçam no campo?
18. Você tem filhos?
19. Hoje, na atual realidade, você trocaria a vida que leva na cidade pela vida no campo? Por quê?
20. O que você acha das ações do governo (municipal, estadual e federal) para fortalecer a permanência de jovens no assentamento?

APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: _____

Pesquisador responsável: _____

Prof. Orientador: _____

Instituição: UERGS Santana do Livramento

Telefone para contato: _____

Prezado (a) Entrevistado (a),

Você está sendo convidado a responder às perguntas desta entrevista de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. O objetivo desse estudo é relacionar duas distintas gerações de jovens assentados da reforma agrária em relação aos projetos de vida, sendo essas a da década de 1990 e dos anos 2000.

. Procedimentos: Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas na concessão desta entrevista, respondendo às perguntas formuladas. A entrevista poderá ser gravada, caso seja autorizada a gravação. Sigilo: As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelo pesquisador responsável. Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu, _____ RG _____ ou CPF _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Santana do Livramento, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do(a) entrevistado(a)

 Pesquisador
 responsável

Se você tiver alguma consideração ou dúvida, entre em contato: **UERGS** Santana do Livramento, Rivadávia Correia, 825. Telefone: **(055)32441440**, Orientadora Prof. Dra. Cassiane da Costa.